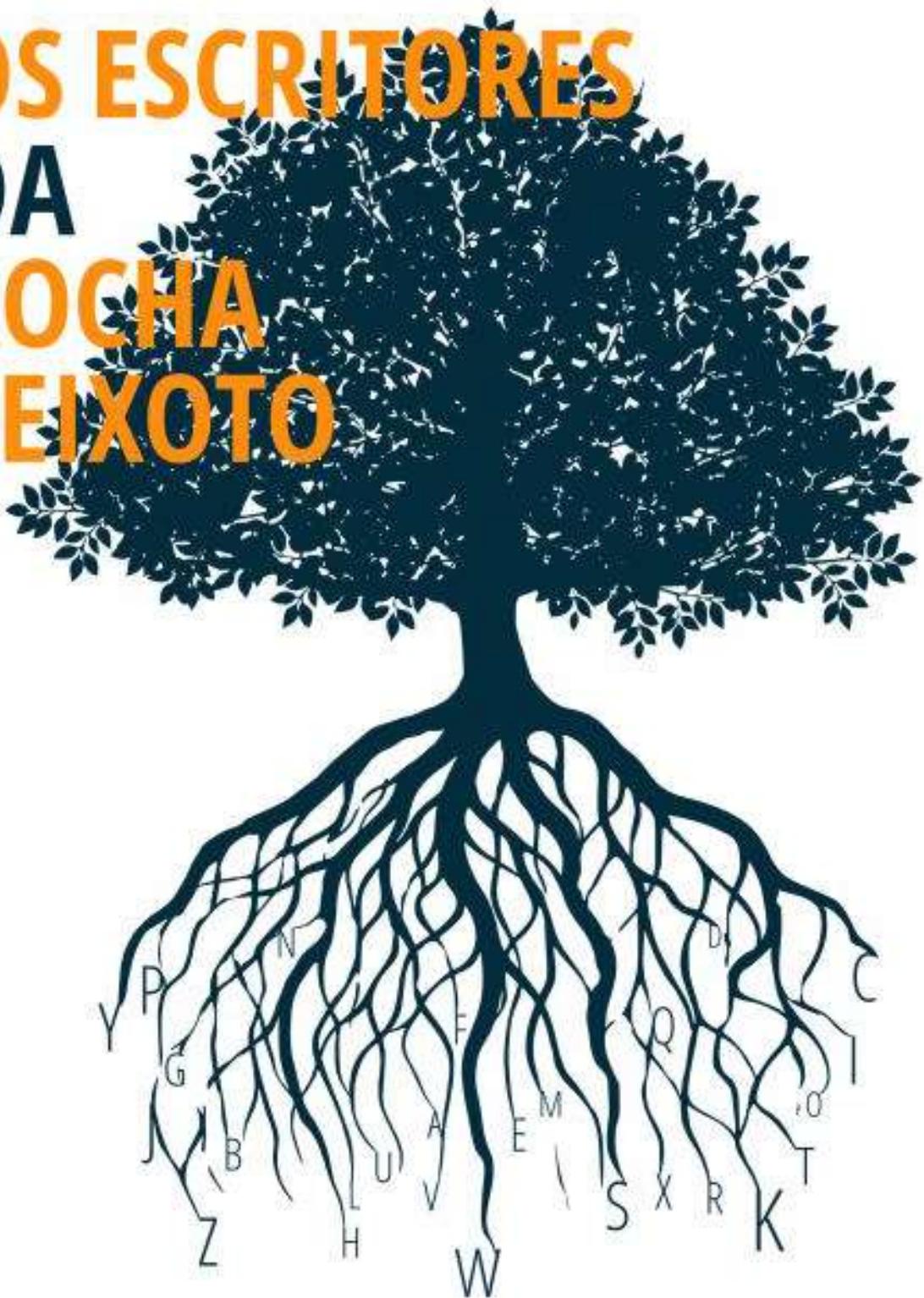


OS ESCRITORES DA ROCHA PEIXOTO



PREFÁCIO

Palavras... ouvidas, lidas, cantadas, desenhadas.... Palavras que se combinam e reagrupam para dar forma ao sentir dos "Escritores da Rocha". Este é o projeto lançado pela Biblioteca com objetivo maior de promover a leitura e a escrita. Ler para escrever melhor, para dizer mais, pensar diferente e saber ser. Anualmente, desafiamos toda a comunidade escolar a integrar esta coletânea que cada vez é mais abrangente, envolvendo, desde logo, os professores de Português que motivam e orientam pequenos e crescidos a mexerem com as palavras, fazendo delas veículo de transmissão de opiniões, certezas, dúvidas, confidências, partilhas e formas de sentir. Também os alunos do 3º ciclo, sob a orientação dos professores de Educação Visual, dão cor às palavras escritas com ilustrações várias. Os alunos do 10ºano, do Curso de Design Gráfico deixam as suas palavras ao criarem a capa do projeto, tendo por base o mote da semana da leitura - Palavras do Mundo.

"Os Escritores da Rocha" refletem a vida da Escola em várias áreas e, nesse sentido, é destacado o poema vencedor das Olimpíadas da Escrita – Escola da Minha Vida 2015, assim como o separador dedicado a uma seleção de trabalhos dos alunos do Curso de Artes que fazem questão de mostrar que, traço a traço, também se escrevem verdadeiros poemas. Aqui ficam ainda as palavras de alunos que integram os RP Dancers e que através da dança verbalizam emoções. Aqui ficam as memórias de quem trabalhouativamente na construção deste outro projeto que é a Biblioteca Escolar. Aqui ficam as sementes dos professores "escritores" que, aqui, ensinam as palavras.

Palavras do mundo, palavras nossas, palavras da Rocha que ficam e partem com quem as ler.

*Albina Maia
Professora Bibliotecária*

SONHAR COM A LETRA “ S”

António Matos, 7º C

Vencedor das Olimpíadas da Escrita - Escola da Minha Vida | 2015

Era uma vez uma menina que estava internada no I.P.O. Um grave tipo de cancro impedia-a de andar. Estava incapacitada e pessimista. Estava incapacitada e triste.

Um dia, numa campanha solidária, entrou lá o escritor António Mota e deu-lhe um livro.

- Chama-se “ Sonhos de Natal”- disse ele.

A menina não gostava de ler, aliás nunca lera um livro. Porém, aceitou-o e colocou-o num canto.

Umas semanas depois, no meio de tanto tédio, decidiu experimentar ler o livro. Aí, surgiu a magia. Viu montanhas de consoantes para escalar e marés de vogais para navegar.

Começou a ler com a letra “ L ”, a brincar com a letra “ B ”, mas o mais importante foi que começou a sonhar com a letra “ S ”. Sonhava levantar-se, sonhava correr pelo mundo fora, sonhava ser livre. Parecia que, pela primeira vez, tinha uma razão para ser feliz: sonhar, sonhar com a letra “ S ”.

Agora, só lhe interessava aquela porta, que não era normal, era uma porta que levava a outro mundo, o mundo da leitura. Um mundo onde não se ligava a doenças, apenas à imaginação.

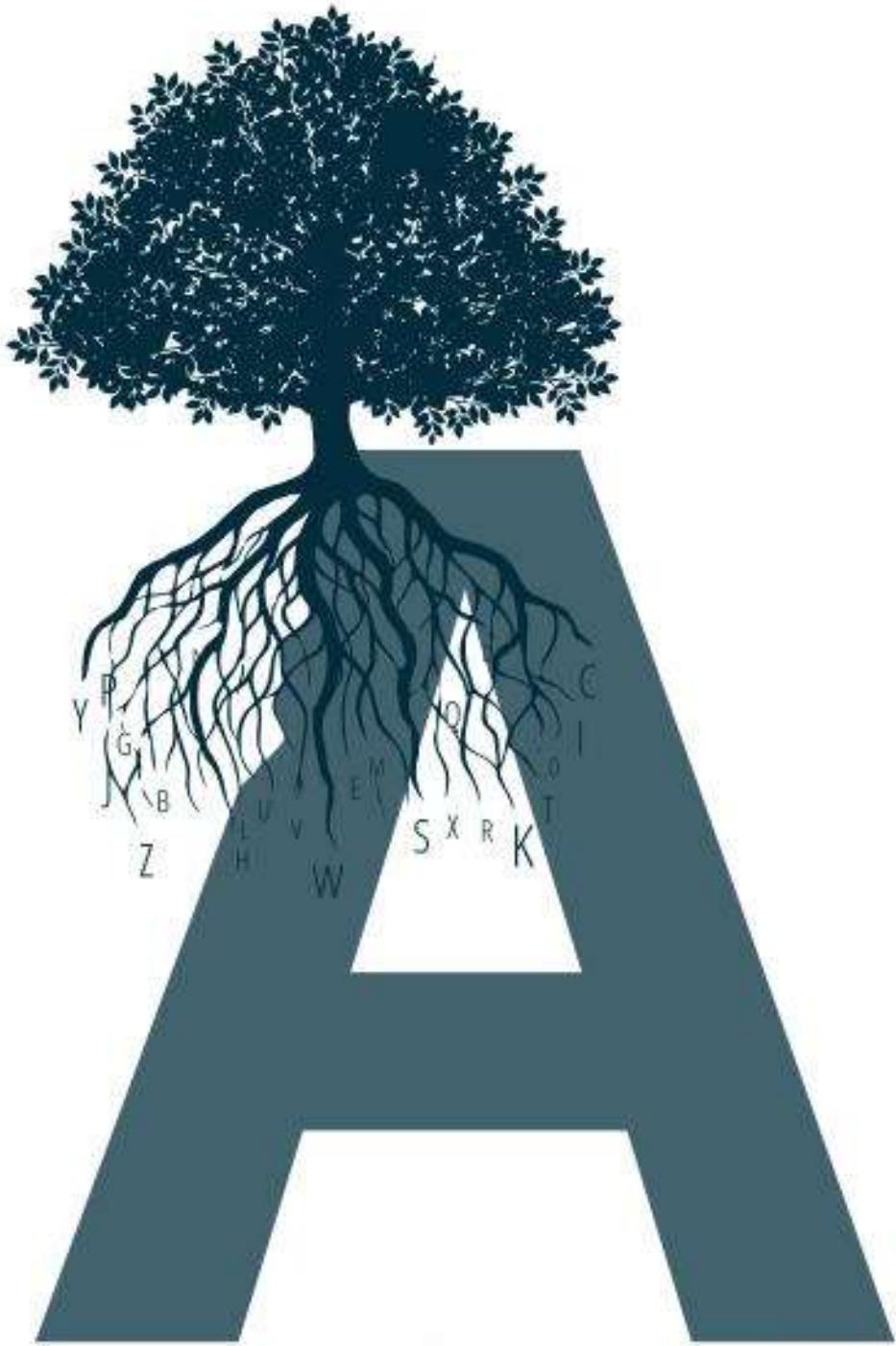
Vários meses se passaram e descobriu novas portas abertas por outros escritores, levavam para outros mundos e não deixavam de ser as coisas mais mágicas da sua vida.

E, numa tarde, sentiu-se fraca. Percebeu que estava a morrer. Virou-se para a mãe, que a fitava preocupada, e disse com o maior brilho nos olhos que já tivera:

- Sonhar com a letra “ S ”,
É sonhar como deve ser,
Sonhar com a letra “ S ”,
É a maneira certa de viver.

Dito isto, fechou os olhos e morreu. Mas morreu da melhor forma: feliz e com um enorme sorriso na cara, porque sonhava com a letra “ S ”. E disso nunca se esqueceria.





Escalão
Poesia | Prosa

SE EU FOSSE ...

Turma 7º D

Se eu fosse um objeto, seria...

- ... um livro, com muitas histórias de encantar.
- ... um caderno, que tudo iria guardar.
- ... uma caneta, pois tudo poderia registrar.
- ... um lápis, para tudo rascunhar.

Se eu fosse um animal, seria...

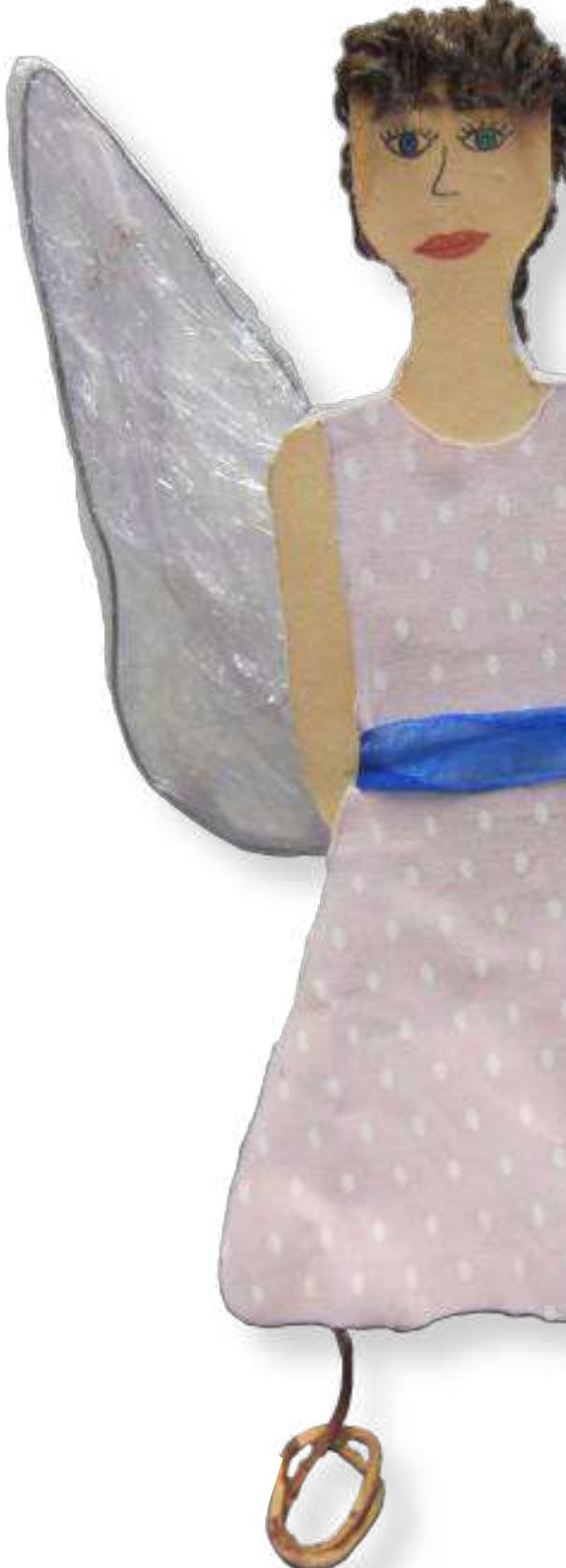
- ... uma chita, porque é rápida e catita.
- ... um gato, para ronronar no teu sapato.
- ... um golfinho, que todos apreciam com carinho.
- ... uma preguiça, para não ir à missa.

Se eu fosse uma flor, seria...

- ... uma rosa branca, que a todos encanta.
- ... uma tulipa, que é muito bonita.
- ... uma margarida, que dá cor à vida.
- ... um girassol, para correr atrás do sol.

Se eu fosse uma cor, seria...

- ... o vermelho, e jamais seria velho.
- ... o cor de rosa, que lembra a rosa cheirosa.
- ... o amarelo, porque cheira a sol e a caramelo.
- ... o branco, que a paz aprecia tanto.





DOCE MEL

Sofia Sousa, 7º B

O mel é doce e o limão é azedo, toda a gente sabe.

E o açúcar com limão fica doce?

Estas questões comparam-se às pessoas. Vejamos:

Existem pessoas amargas e outras doces.

Como existem pessoas bonitas e outras feias.

Mas o que não existe são pessoas perfeitas, porque as pessoas têm defeitos e a perfeição leva o seu tempo! Ser bonito de espírito leva tempo; uma rapariga ou rapaz se for mau, demora a ficar gentil. Mas, na verdade, com o tempo chega-se à perfeição e, como diz o ditado popular, "grão a grão enche a galinha o papo". E sabem como é que o papo fica cheio? Com força de vontade.

Pois é, com força de vontade consegue-se tudo.

Existem, certamente, várias perguntas no mundo que, por vezes, nos fazem parar para pensarmos nelas.

Refletir é bom, é assim que crescemos e aprendemos a ser mais doces, quase "mel"!

CIDADE COLORIDA

Carolina Neves | 7º B

Estava um belo dia de sol, apesar do vento soprar com toda a força. Pairava no ar da cidade uma certa alegria. Esta era uma cidade cheia de vida onde qualquer um, por qualquer motivo, esboçava um sorriso, um sorriso convicto. Não havia nada nem ninguém que fizesse com que este sorriso desaparecesse.

Nessa tão feliz e saudável cidade não existiam tristezas, guerras, discussões, conflitos, apenas a paz reinava. A amizade entre todos era infinita. Todos os cidadãos, desde crianças, eram ensinados a importarem-se com os outros, a serem altruístas e sinceros.

Mas foi então, num dia como todos os outros, que algo inesperado aconteceu. Um certo murmúrio ecoou no local, o gato preto, o único gato preto, o mais escuro de todos, ele...fugiu! Nunca tal coisa tinha acontecido nessa cidade, um ser, fugir, desprezar todos os cuidados que lhe deram, toda a preocupação...Uma ação que qualquer gato faria, mas naquela cidade todos eram diferentes, até mesmo os animais.

Foi como se todas as cores da cidade começassem a desaparecer. Todos se perguntavam o que teriam feito de mal, o que teria acontecido, tentavam obter respostas, mas nada lhes surgia. A tristeza era cada vez maior, a solidão e o desespero cresciam.

Passaram-se meses, dias e dias sem diversão, sem sorrisos e risos. Como Maria não estava habituada a isso, teve uma ideia, e se colorisse a cidade?

Pegou nos seus lápis, canetas, marcadores, papéis, tudo o que gostava, que lhe desse alegria e espalhou pinturas por toda a cidade. À medida que ia colorindo, a esperança voltava, todos a ajudavam, todos queriam a cidade do passado, a cidade colorida!



Mais o mais importante mesmo foi que todos perceberam que tinham de deixar as recordações do gato e continuar a vida, enfrentar os obstáculos, mesmo que estes fossem problemáticos. Devemos, seguir em frente, com determinação e um sorriso porque a vida não é perfeita.

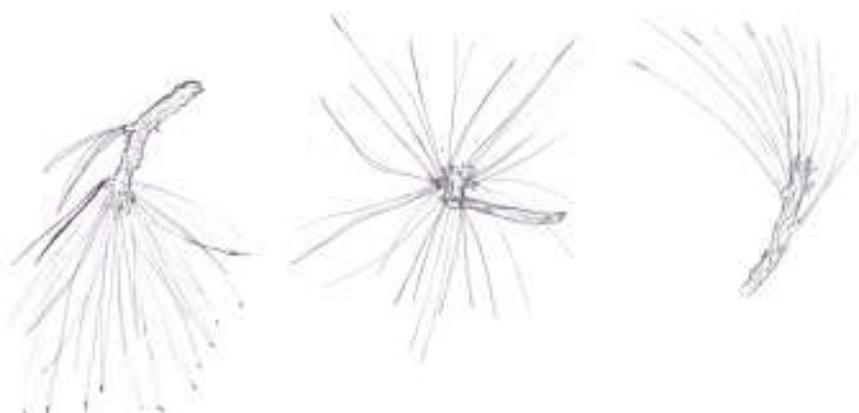
Mas foi então, num dia como todos os outros, que algo inesperado aconteceu. Um certo murmúrio ecoou no local, o gato preto, o único gato preto, o mais escuro de todos, ele...fugiu! Nunca tal coisa tinha acontecido nessa cidade, um ser, fugir, desprezar todos os cuidados que lhe deram, toda a preocupação...Uma ação que qualquer gato faria, mas naquela cidade todos eram diferentes, até mesmo os animais.

Foi como se todas as cores da cidade começasse a desaparecer. Todos se perguntavam o que teriam feito de mal, o que teria acontecido, tentavam obter respostas, mas nada lhes surgia. A tristeza era cada vez maior, a solidão e o desespero cresciam.

Passaram-se meses, dias e dias sem diversão, sem sorrisos e risos. Como Maria não estava habituada a isso, teve uma ideia, e se colorisse a cidade?

Pegou nos seus lápis, canetas, marcadores, papéis, tudo o que gostava, que lhe desse alegria e espalhou pinturas por toda a cidade. À medida que ia colorindo, a esperança voltava, todos a ajudavam, todos queriam a cidade do passado, a cidade colorida!

Mais o mais importante mesmo foi que todos perceberam que tinham de deixar as recordações do gato e continuar a vida, enfrentar os obstáculos, mesmo que estes fossem problemáticos. Devemos, seguir em frente, com determinação e um sorriso porque a vida não é perfeita.



O MUNDO VIRTUAL

Marta Montenegro Terroso, 7º B

Na minha opinião, os avanços tecnológicos são uma constante nos nossos dias. E, se por um lado são bons, por outro lado são um mau contributo.

Eu, como adolescente de doze anos, adoro ver televisão, estar no computador e jogar playstation. Mas também comprehendo que não devemos estar muito tempo frente ao monitor, porque nos faz mal aos olhos e pode provocar doenças, pois são emitidas radiações.

Todas estas razões levam-nos a pensar e a refletir sobre o uso mais adequado destas novas tecnologias. É certo que podem ser utilizadas como um passatempo e como ferramenta de trabalho, porém não devemos dedicar-lhes demasiado tempo. Além disso, todos nós, jovens, adultos e até as crianças de agora, podemos fazer várias brincadeiras de antigamente.

O mundo virtual é mais atrativo sobretudo para os mais jovens.

Na minha opinião, ninguém deve ter televisão no quarto nem dormir com o telemóvel ligado ao seu lado porque, como já referi, estes aparelhos emitem radiações.

Espero que, ao lerem a minha opinião sobre este mundo virtual, possam refletir e reduzir o número de horas dedicado a este novo mundo!



TÍTULOBRINCO

Mafalda Leal, 7º C

A minha grande missão: Recontar **A vida de Pi** na qual foi inserido o bravo **Ulisses**.

Tudo começara com **Uma aventura nas férias do Carnaval** que se passara n'**Os Himalaias**, claro que fazia frio mas depois de andarem em noites de lua cheia, **Sem cuecas no cemitério** já nada os surpreendia, até porque, na altura, afirmaram que **A culpa é das estrelas**. Desta vez queriam sentar-se n'**O Trono de Prata**. Sorte a deles! **A segurança máxima** tinha como elenco o grande **D.Quixote de la Mancha** e o desnorteado **Cavaleiro da Dinamarca**. Solicitaram a ajuda d'**Os cinco e a ciganita** e d'**O miúdo advogado** porque se algo corresse mal... Ai, ai ,aí viriam elas!... Para cumprir o objetivo precisavam de tudo saber e de estar bem informados e então, porque não, contratar **O cão espião**?

Foi exatamente isso que fizeram, mas o Karma deles estava em alta de tal forma que, desta vez, tiveram de aguentar com as asneiras de Timmy, que era tão pateta e asneirado que já tinha a fama de **Timmy Fiasco**. Agora viera com a história d'**Os 5 na torre do farol** que falharam no teste prático d'**O recruta**, mas aproveitaram para comer **Chocolate à chuva**. Também não se esqueceram de falar n'**O menino que não gostava de ler**, que roubara **O Diário de Anne Frank** e **O Diário da princesa 3**. Este ficara exaltado pois eram livros sagrados, dignos de um prémio Nobel e ainda por cima saqueados por alguém que não gostava de ler... rrrrr que paciência! Que dia fora aquele! Tudo o que queriam era protegido e depois viera-lhes **O Fiasco** com as suas histórias saídas das **Fábulas de Esopo**. Tinham a esperança que tudo correria melhor no dia que viria a acontecer.

Madrugaram, talvez pelos gritos de um louco cético "Um anjo a meu lado, um anjo a meu lado", que maçada aquela. Passando à verdadeira história, estavam numa alhada e desolados, o cão portara-se mal e agora só dizia a Pi "**Dei-te o melhor de mim**", não sereis assim para mim". Mais uma desilusão que afinal durou pouco, apareceram então **os Três Mosqueteiros** que trouxeram como companhia o incansável menino que contracenara em **O rapaz dos sapatos prateados**, que em breve viajaria até **A lua de Joana**. Desta vez tinham uma equipa recheada de bons jogadores e o plano não falharia. Verdade era esta, o plano resultou e todos estes bons contribuintes puderam sentar o rabinho no trono de lata pintado a prata, caíra-lhes o mundo, tantas voltas deram, que tiraram descanso numa reles réplica, tinham de admitir saíra-lhes o tiro pela culatra...

Em breve o drama adaptado **História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar...**

OS MEUS TÍTULOS

António Baptista, 7º C

Claro que a culpa é das estrelas! Não pode ser do **Timmy Fiasco** nem do **Ulisses**, que também era conhecido pelo **rapaz dos sapatos prateados**. Prateada também era **a lua de Joana** que, sendo uma linda rapariga se sentava num **trono de prata**. O belo príncipe costumava dizer-lhe "És um anjo a meu lado".

Entretanto, nos Himalaias, **Dom Quixote de la mancha** acompanhado pelo **cavaleiro da Dinamarca** e **do recruta** tentavam desvendar **o mistério dos 5 na torre do farol**. Era preciso **segurança máxima**, pois tinham acabado de roubar **o diário de Anne Frank** e outro livro de Esopo chamado "**fábulas de Esopo**". Claro que ninguém escondia quem era o autor do crime, **o menino que não gostava de ler**, porque ele não gostava de ler! No entanto, à noite, **sem o cucas no cemitério**, o menino escondia os livros debaixo do peso das flores e depois sentava-se a comer **um chocolate à chuva**. Foram **o cão espião, o gato e a gaivota que o ensinou a voar** que desvendaram esse mistério. Este teria sido um bom caso para **o miúdo advogado** que adora uma boa **aventura no carnaval!** O **Cavaleiro da Dinamarca** meteu conversa com um rapaz que se chamava Pi. **A vida de Pi** não era tão fácil como aquilo que estava escrito no **diário da Princesa 3** nem tinha a adrenalina da história **dos três Mosqueteiros**. Pi era irmão de uma ciganita com quem os cinco continuavam a encontrar-se e partiu à aventura e andava desesperado à procura da irmã que tinha desaparecido. Pi tinha dito à irmã "**Dei-te o melhor de mim**", mas mesmo assim ela fugira para sempre.





OS TÍTULOS

Marta Magalhães, 7º C

Os três mosqueteiros e o cavaleiro da Dinamarca foram para **os Himalaias** à procura da **gaivota e do gato que a ensinou a voar**. Para a aventura ser bem-sucedida levaram com eles **um cão espião** chamado **Ulisses** e também **um miúdo advogado** que costumava andar **sem cuecas no cemitério**.

Chegando aos **Himalaias** encontraram o **Jimmy Fiasco** que acabara de se despedir dos **cinco e da ciganita e do recruta**. Estes tinham estado a convencer **um menino que não gostava de ler** da importância da leitura. Apesar de lhe terem lido algumas **fábulas de Esopo** e o **Diário de Anne Frank**, o menino não tinha ficado convencido!

Anoiteceu e ficaram em **alerta máximo** porque lhes disseram que durante a noite costumava aparecer **um rapaz de sapatos prateados** que dizia a quem quisesse ouvir “tenho **um anjo ao meu lado**”. Naquela noite não se via nada e a **culpa era das estrelas** que não brilhavam. Se ao menos houvesse **a lua de Joana** haveria brilho!

Subiram até ao cimo do monte e encontraram **D. Quixote de La Mancha** que estava a saborear um **chocolate à chuva**, sentado num **trono de prata**, lendo com muita atenção o **diário da princesa 3**.

De repente, surgiram do bosque **os três mosqueteiros** com o **cavaleiro da Dinamarca**, juntaram-se a todos os outros que lá estavam e viveram uma imensa aventura naquela terça-feira de carnaval. Nem toda a gente se podia gabar de viver **uma aventura no carnaval!**

Olharam para a torre do farol e viram Pi, o menino selvagem, acenar-lhes. Olharam para a torre do farol e viram Pi, o menino selvagem, acenar-lhes com grande alegria. A **vida de Pi** era fantástica e **os cinco na torre do farol** escutavam atentamente a sua história.

Um dos cinco chamava-se Ana e Pi disse-lhe “**Dei-te o melhor de mim**”, a minha própria história.

Todos acabaram a festejar a linda história de amor que começava a nascer entre Pi e uma dos cinco.

MEMÓRIAS

Henrique Pereira, 8º E

Memórias. Alguns esquecem-se delas. Outros conseguem guardá-las durante grandes períodos de tempo. Mas o que são as memórias ao certo? Serão apenas bons momentos que preservamos connosco? Serão maus acontecimentos que nos marcam de forma interminável? Ou serão a junção das duas? Há algum tempo atrás, se me tivessem colocado estas três perguntas, eu teria optado pela terceira hipótese, mas agora que sou mais velho e mais maduro, entendo que as memórias são muito mais que isso.

As memórias são experiências. Experiências vividas que adquirimos, armazenamos e das quais recuperamos informações que ainda estão disponíveis na nossa mente. Acontecimentos passados, quer sejam bons ou maus, que ficam, de certa forma, carimbados na nossa cabeça. Momentos que nos lembramos ao longo da vida, mas também momentos esquecidos por alguns.

Esse esquecimento pode ser causado pelo consumo excessivo de drogas e álcool, consequência de doenças como o Alzheimer, provocado pela velhice ou até mesmo consequente da pura deslembraça.

Eu próprio admito que algumas das minhas memórias, principalmente de quando era bebé, já me escaparam do cérebro mas essas, por vezes, renascem através de palavras, fotografias ou filmes guardados pela família!

Algumas pessoas afirmam serem elas quem constrói as memórias, mas eu defendo que as memórias, essas sim é que constroem as pessoas!





SARGAÇO DE INFÂNCIA EM ÁGUAS PASSADAS

Vitor do Vale Honwana, 9º B

Desde muito pequeno que eu o visitava.

Desde muito pequeno que com outros muito pequenos, como eu, íamos todos em algazarra, amarrados e soltos ao mesmo instante desafiá-lo e atravessá-lo como piratas.

Desde pequeno que eu ia com prancha ao sovaco desafiar os seus cabelos, mas com calma, ainda era pequeno!

Desde pequeno que com outros pequenos, como eu, atravessávamos a imensa praia que parecia um deserto, e quando chegávamos à miragem brilhante, espelho de mil cores onde chapinhávamos, fazíamos as nossas praxes de brincadeira e eramos exploradores que encontrávamos seres e sereias que não pertenciam à nossa terra firme.

Agora visito-o, mas sem aquela alegria e euforia porque eufórico está ele.

Agora que, com outros de agora, como eu, vamos com certo borratado no rosto porque ele está aborrecido e indeciso se nos deixa entrar, ou não.

Agora, depois de a minha prancha ter embatido nos penedos, fico sentado na mente suspensa a ver os cabelos dele que esvoaçam enfurecidos.

Agora, com outros de agora, só precisamos de dar passos de formiga, para aí uns vinte, para chegar à espuma e sobras que ele traz.

Agora já não vejo outros seres e sereias naquela terra líquida e temperada.

Agora e sempre terei saudades do meu tão querido "desde muito pequeno" se alguma vez ele resolver deixar-me.

Vou ter saudades deste mundo de todos, o grande mar.
Por um instante senti-me escritor ...

O QUE VEJO ...

Francisca Pereira , 9º C

Do meu ponto de vista, quando um ser humano é atacado pela sua imaginação, tem como missão passá-la para o papel, ganhando coragem para escrever. No entanto, a sociedade nem sempre precisa ser corajosa para concretizar acontecimentos que poderiam não ter ocorrido.

Todos os anos, por tradição, a minha família reúne-se para um convívio familiar.

Antigamente, na entrada da sala onde almoçamos existia um espaço vazio, onde as senhoras colocavam os seus pertences. Agora, passados dez anos, esse local é um estacionamento de cadeirinhas de bebés.

Todos os membros têm algo a dizer, algo a questionar e até mesmo os mais pequenos têm algo a contar sobre as suas vidas. Ainda toda a família convive no interior da sala, quando eu me desloco para o jardim. Coloco-me debaixo de uma laranjeira de que o meu avô sempre cuidou com muito carinho e dedicação, desde a sua infância. Liberta um aroma fresco, suave e, por isso, frequentemente me sento à sua sombra a pensar no que o meu avô me contava.

Ele dizia que, em todas as alturas em que visitava a sua árvore, rodava em torno dela três vezes, mas sempre pediu para eu nunca seguir o seu exemplo.

Mas eu sempre tive curiosidade em saber o que aconteceria depois da terceira volta à planta. E assim foi! No final da misteriosa volta à laranjeira, eu tive a sensação de que as suas raízes me puxavam para um lugar distinto de todos os locais que eu já visitara na minha vida. Expectante com o que poderia ver com os meus próprios olhos, abri-os.

Estávamos em pleno século XX, no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Descia uma rua colorida, quando me deparei com um portão enorme e cinzento que, para meu espanto, estava aberto. Apenas com um passo de cada vez, bem devagar, fui alcançando o que se encontrava para lá dessa entrada. O chão de pedra tinha-se transformado em terra batida, as flores de diversas cores eram simplesmente ervas secas e as majestosas estruturas que não deixavam o sol alcançar o solo dessa mesma rua não existiam. As pessoas que antes entravam e saíam das lojas com felicidade estampada na face, carregavam agora pesos de um lado para o outro, executando trabalhos forçados até não sentirem mais os seus membros, sempre com um rosto triste, pois sabiam que, por muito que aguentassem tudo a que estavam sujeitos, nunca mais na vida conseguiram escapar.

Naquele preciso momento pedia a quem me ouvisse para que nunca mais voltasse a ver aquilo que eu tinha visto.

DE TAL MANEIRA SOFRO

Maria Eduarda Rodrigues , 9º C

De tal maneira sofro ... por manter-te ainda em tudo, nas minhas inseguranças, na minha insanidade refratária, em mim. Estou perdida entre as minhas próprias lamentações e pensamentos. Estou a afogar-me em lágrimas que outrora temi libertar. Quando a realidade cai em nossos ombros, repentinamente, eles parecem mais frágeis do que a nossa sensibilidade doentia. Questiono a nossa existência. Questiono os nossos conhecimentos. Talvez a vida seja uma questão, e cada um de nós, uma incógnita. Incógnitas que, por vezes, podem dar muito mais trabalho do que uma equação com várias delas. Tu mudaste a minha forma de ver e compreender o mundo. Já não me reconheço. A minha frieza afugentou a parte do meu ser que me tornava humana, agora já não sou mais do que uma mente confusa que vagueia sem perceber. Talvez seja esse o meu erro, tentar perceber os outros quando nem a mim me percebo. Talvez seja esse o meu erro, fantasiar com a nossa equação inacabada, que podia ter sido tão bonita. Porém, nada é infinito! E, entre lutas com o meu subconsciente, aceito o nosso fracasso, tal como um dia aceitei o teu amor.







Escalão
Poesia

E SE EU FOSSE...?

Turma 10º I

Se eu fosse cantora, espalharia a minha doce melodia.
Se eu fosse um fogo, aquecer-te-ia nas noites em que não houvesse calor.
Se eu fosse um avião, as nuvens eu rasgaria.
Se eu fosse a lua, a noite iluminaria e no calor dela te esperaria.
Se eu fosse o sol, não deixaria que a lua aparecesse.
Se eu fosse um pássaro, seria livre e voaria pelo mundo, cantando alegremente.
Se eu fosse bom aluno, teria dinheiro e poder.
Se eu fosse veterinário, cuidaria de todos os animais com o carinho das minhas mãos.
Se eu já fosse jogador profissional, da vida poderia desfrutar.
Se eu fosse hospedeira queria visitar a Madeira. Vou manter-me a sonhar para o meu sonho alcançar.
Se eu fosse um milionário, compraria o que mais queria.
Se eu fosse o mar, deitar-me-ia na areia.
Se eu fosse uma flor, seria a rosa, porque sou intensa nos sentimentos que ela simboliza.
Se eu fosse um objeto, seria um cofre, pois só a chave certa o consegue abrir.
Se eu fosse um koala, dormiria longamente.
Se eu fosse a rádio, a música encheria a minha vida.
Se eu fosse livre, seria eternamente feliz.
Se eu fosse um sentimento, seria a felicidade... É algo que me fica bem.
Se eu fosse uma cor, seria o branco e simbolizaria a paz eterna.
Se eu fosse um jogador como o Robin Van Persie, golos como ele gostaria de marcar.
Se eu fosse um órgão, seria o coração, porque é ele o principal.
Se eu fosse liberdade, seria o sonho de muita gente, o remédio de uma sociedade... Ser livre é ser livremente feliz... Liberdade é sinónimo de felicidade!



A MINHA VIDA É...

Turma 10º K

A minha vida é algo de bom que aconteceu no meu coração, é um destino sem fim que não tem explicação.

A minha vida é normal até lhe porem um ponto final.

A minha vida é ouro, ela é o meu maior tesouro.

A minha vida é uma beleza, tanto tem momentos de alegria como de tristeza.

A minha vida é norma: uns dias corre bem, outros dias corre mal.

A minha vida é um ponto de interrogação porque muitos dos meus objetivos são em vão.

A minha vida é uma dura realidade, mas hei de encontrar a verdadeira felicidade.

A minha vida é como o tempo que muda a cada momento.

A minha vida é uma confusão, choro por ti até dizer mais não.

A minha vida é um jogo, umas vezes ganho, outras perco.

A minha vida é um roseiral cheio de rosas charmosas.

A minha vida é o sobe e desce das ondas do mar.

A minha vida é francamente complicada, se muito quero fazer, acabo por não fazer nada.

A minha vida é feliz porque todos os dias sou aprendiz.

A minha vida é turbulência, tanto está calma como em ardência.

A minha vida tem altos e baixos.

A minha vida é um livro aberto, tanto está longe como perto.

A minha vida é o reflexo do espelho do meu coração.

A minha vida é um eterno dilema.

A minha vida é uma confusão, tanto estou bem como viro um furacão.

A minha vida é uma aprendizagem constante, a cada dia que passa.



MÚSICA

Vítor Eirado, 10º R

Será que a música é real?
Será que é possível existir algo tão divinal?
Será que a merecemos?
Por vezes nos perdemos...

A linda, maravilhosa melodia,
Esquenta a minha alma, tão fria!
Silêncios, recordações...
Antes eminentes, ondas de ilusões.

Tais timbres não podem ser descritos
Com latim a murmurar,
Só notas a ecoar
Tão honradas como mitos.

Ela nunca gostará de mim...
Que malícia lhe fiz eu?
Mas nunca a abandonarei, pois, com ela,
Não estou em mim...
Prefiro estar iludido do que cair
No mundo da realidade.
Por vezes, queria ser proibido como
Uma flor de jasmim.



GOSTO

Marta Silva , 12º A

Gosto de viver!
Quem não gosta?!
Se calhar,
Existem pessoas que não.
Mas mesmo essas pessoas
(Tornando-se repetitivas ao dizerem)
Respiram, logo vivem!
Atirar-se abaixo de um
Penhasco
Até pode ser uma solução
Porque não o fazes?!

É duro saber que
(No fim)
Morrerás?...
Podemos escolher quando morrer?
Acredito que
Não
(Apesar de hoje em dia poderes fazê-lo)
Porquê?
Porque acredito no Destino
É tão lamechas dizer
“Tudo acontece por alguma razão”
Mas ao mesmo tempo
É tão verdade...
Vive a Vida!
Porque morrer é triste
E se não o achas, desiste
De continuares neste Mundo
Onde
O tempo passa, num segundo!

OU NÃO FOSSEMOS NÓS MULHERES

Marta Silva , 12º A

Ser Mulher é difícil
Ser Mulher dá trabalho
Mas ser Mulher é um orgulho
(Ou não fossemos nós Mulheres)
Fazemos o que mais ninguém
Faz
Sabemos o que mais ninguém
Sabe
Não temos resposta a nada
Não sabemos nada de nada
E ao mesmo tempo
Sabemos tudo
Ninguém nos comprehende
Ninguém nos comprehenderá
Mas nada disso importa
Pois somos o que somos:
Mulheres
(O impossível só é impossível
Até o tornarmos possível
Ou não fossemos nós
Mulheres)
Mesmo de pés magoados
Mesmo de lágrimas nos olhos
Somos Mulheres
E até de salto partido
Continuamos no mais alto
Cimo
Porque chegamos onde queremos!
(ou não fossemos nós Mulheres)



CORAÇÃO PARTIDO

Graciela Gomes, 12º I

Desde o dia em que me deixaste,
Algo dentro de mim morreu,
Nem um pouco em nós pensaste,
Mas meu coração não te esqueceu!

Prometeste ficar comigo,
Mas foram meras palavras,
E agora nem consigo,
Encontrar outras estradas!

Estou perdida, sem direção,
Nestes caminhos do coração!
Partiste sem justificação,
Partiste meu coração!

Fazias parte da minha vida,
Agora és apenas uma memória,
Que jamais será esquecida,
Nesta grande história!



SUBTILEZA

Sara Silva - 12º H

A subtileza arranha,
Superficialmente...
A cruel verdade corta, queima,
Remexe nas entradas e
Mata!
Morre... Morre-se-me o eu
Que renasce! Qual Fénix,
Das cinzas feita fogo voador,
Chama sonhadora e imortal?!

Que tristeza é ser subtil!
Viver na medida, ser razoável...
Ah... Se a vida fosse suave?!

Não se vivia, na dor constante e orgásrica de viver
Se a verdade fosse algodão?!

Não haveria diferença entre o céu e o chão...

Verdade é mentira, feliz do culpado,
Senil do inocente, que mente. Mentirá?
A subtileza cínica, dos cínicos, verdade será?
Ou a calma das Hidras, hábito venenoso,
Língua voraz...
Verdade traz? Desconfie-se...

Voe-se sonhando, sonhando
É-se imortal!
Fénix, fogo consumidor do redor
Apaga o que te é menor,
Subtil.



Trabalho Premiado
Escola da Minha Vida | 2015

O CERTO E ERRADO

Miguel Lima, 12ºJ

O certo e o errado são só ilusão,
Neste novo mundo cheio de terror e traição,
Há quem tente mudar mas fica tudo igual,
É preciso ser mais que um para mudar a moral.

Diferentes costumes e religiões, há quem não as suporte
Levando as pessoas a esquecerem-se do que importa.
Pleno século XXI e somos ainda desiguais,
Mas continuamos a discriminar raças, aspetos e homossexuais.

Ajudar o próximo e abrir o nosso porto,
Acreditar que a bondade em nós não está morta,
Às vezes tentamos mas dá errado.
Olho para o futuro e nunca esqueço o passado.

E aqueles que pensam deste mundo desilusão,
E preferem morrer a viver e ser quem são,
Alguém que lhes tire as armas e a vontade de guerra,
Senão, acabamos todos a chorar a nossa terra!



DEIXEM-ME SER ILUDIDO

Pitanga, 12ºJ

Deixem-me ser iludido
Contornar a realidade
Fazer da inocência a maior vontade
E da minha sombra o meu maior guia.

Não me dêem orientações nem sermões
Mas não se apoderem do silêncio
Apenas me deixem ouvi-lo
Quando as palavras se perderem
Nos mais cruéis significados.

E faço-me fugitivo
Ao negar toda a consciência
De me saber ingénuo

Talvez me perca nos sonhos
De ser aquilo que não sou!

Talvez me encontre
onde nunca estive...

Ou talvez nunca cheguei
A aperceber-me da minha presença.
Mas não serei marioneta
de uma realidade imposta!







Escalão
Prosa

CLIENTES OU CIDADÃOS?

Gonçalo Sousa, 10ºA

O facto de nos estarmos a transformar em clientes, substituindo, assim, o cidadão é um dos grandes problemas na sociedade atual. Estamos a deixar de ser humanos e começamos a ser apenas um organismo vivo, racional com o objetivo de ganhar a vida à custa do dinheiro e comparar os nossos bens pessoais aos dos outros.

As conversas sentidas e emocionais são substituídas por conversas sobre o nosso poder económico.

Porque é que isto está a acontecer? Na minha opinião, é devido às redes sociais, que nos afastam do contacto íntimo e pessoal com os amigos e familiares e, devido à competitividade já existente no Homem há gerações. As companhias e marcas dos produtos agradecem, pois lucram com tudo isto, mas valerá a pena trocar o afeto e a proximidade com o outro por dinheiro? A verdade é que a sociedade não consegue resistir à tentação por estes simples pedaços de latão e papel que nos indicam o rumo da nossa vida.

De vez em quando, devíamos encontrar-nos com os nossos amigos e falar de assuntos como a vida, o amor, o carinho, a felicidade e a tristeza; devíamos rir e chorar juntos. Devemos manter de pé a dignidade do ser humano, pois é esta que nos caracteriza.



A IMPORTÂNCIA DO ERRO E DA VÍRGULA

Gonçalo Sousa, 10º A

Como diz o ditado " Errar é humano " e toda a gente o faz! Como todas as coisas, os erros têm um lado positivo, isto é, quando alguém erra, pode servir-se dos seus próprios erros para aprender, não ficando sempre a refletir sobre o seu ato negativo.

Lembro-me perfeitamente de vários erros que cometí em diversos testes até hoje, no entanto há um que me marcará para sempre! Aquele teste de Português que me serviu como uma lição. Aquele teste em que eu, Gonçalo Silva de Sousa , perdi inúmeros pontos com um simples elemento da Língua Portuguesa, a vírgula ! O teste mais parecia um campo de batalha cheio de sangue, com tantas anotações a vermelho! " Não separes o sujeito do predicado ."; " Cuidado! o vocativo tem de ser isolado por uma vírgula."; "Estás a enumerar um conjunto de objetos, tens de usar a vírgula para os separar!". Felizmente não tiveram muita influência na nota final, porém serviram para passar uma boa tarde a estudar o uso da vírgula.

Este simples exemplo serve para mostrar que os erros podem ser positivos, ajudam-nos a perceber o que estamos a fazer mal e a encontrar uma solução para os resolver!



O QUE É A LIBERDADE?

Gustavo Fernandes, 10º A

Hoje em dia, muitas pessoas, pensando que são livres e que cumprem os seus deveres, são as que menos o fazem.

Na minha opinião, uma pessoa só é livre quando pode fazer o que quer, sem prejudicar os outros ou a si própria, cumprindo, ao mesmo tempo, os seus deveres. Nesse sentido, nos dias que correm, são muito poucas as pessoas realmente livres. Além disso, são ainda muitos os que pensam que, por terem um elevado estatuto social, têm mais direitos e menos deveres.

Na verdade, na sociedade atual, existe um grande desequilíbrio entre as pessoas que cumprem e as que não cumprem. Outra das grandes diferenças na sociedade contemporânea assenta no espírito de altruísmo da população. Existem bastantes pessoas que são egoístas e que pensam que tudo gira à sua volta, pensando, ainda assim, que são livres. Alguém com menos possibilidades económicas ajuda mais depressa uma pessoa numa situação pior do que a dela, do que uma pessoa com elevadas possibilidades. Infelizmente, também existem pessoas que por fazerem o que querem julgam que são livres. Mas não é bem assim. Por exemplo, uma pessoa toxicodependente pensa que é livre mas, como a própria palavra diz, depende da droga.

Para concluir, tenho a dizer que as pessoas que por vezes pouco se preocupam com a sua liberdade, são as mais livres.



AMOR

Margarida Curval, 10º B

O que é necessário para o amor durar? É uma questão ambígua, certamente. Para o amor durar é necessário mistério, respeito e compreensão. Aliás, diria até que é preciso amor. Talvez não saiba o que é amar, como se fala nos livros, mas toda a gente sabe o que é amar. Por exemplo, eu amo o sol, porque me aquece, me deixa feliz, alegra-me o dia e há nele um misto de magia e mistério. Temos uma relação um tanto complicada, desapareceu, deixa de me aquecer, esconde-se a minha estrela. Minto se disser que não sinto a sua ausência, tudo é tão escuro sem ele... Porque se esconde? Porque me foge? Tenho um desejo tão grande que volte e brilhe para que eu possa também brilhar. Será amor o que sente por mim? Às vezes questiono-me como pode ficar sem mim por tanto tempo, quero que me prenda, que me tire a liberdade, quero a prisão dos seus braços... Ai como necessito que o nosso amor dure, que me encha a alma inócuia e me sacie a sede de felicidade. Não me reconheço sem ele, vejo as formas mas na verdade, o interior funde-se com a dor e esboça-se ensarilhado dentro de mim. Assim eu espero, persistente e compreensiva, eu espero. E para mim é essa a fórmula que responde à questão inicial, esperar.



MENINA ORIENTAL

Margarida Curval, 10º B

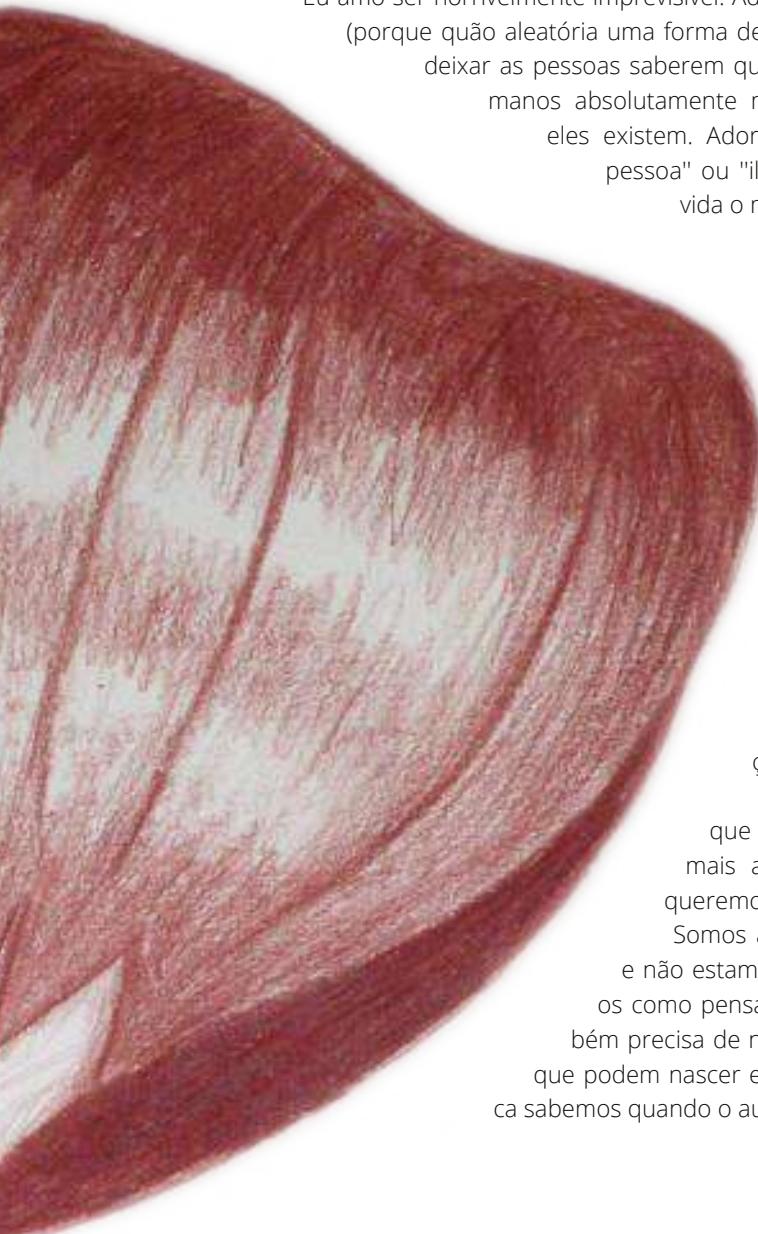
Olhava para cima, enxergava o sol com a menor vontade possível e imaginária. Revirava os olhos, os olhos que se esboçavam rasgados na sua cara harmoniosa e branca como a cal. Aquele branco que contrastava com o seu interior cravado de preto. Pensava muito, demasiado até ... Pensava em como lidar com toda a hipocrisia e falsidade que a rodeava. Como aguentaria tudo o que a magoava? Não era livre, a sua liberdade era condicionada, estava tão perto dela mas ao mesmo tempo tão longe. A sua liberdade estava presa, perpetuamente presa num ser. Era aquele que ela procuraria, o seu olhar e o seu sorriso no meio das multidões. Era um amor infinito, tão infinito como o céu, era um amor profundo, tão profundo como o mar... Não o podia ter, mas não o podia perder. Então continuava ela a ver a liberdade tão perto, mas sempre que tentava chegar-lhe esta tornava-se uma realidade tão longínqua! Olhava para a esquerda, a sua beleza era incomparável, tinha um ar oriental e expressões agradáveis. Sentir-se-ia sozinha? Ninguém sabia ... Pegava no seu cigarro branco e acendia-o delicadamente enquanto enchia os seus pulmões de fumo. O fumo era medicinal, medicinal porque lhe enchia a alma desesperada de dor e carente por amor. Mas continuava novamente, erguia-se alta e magra. Dava passos convictos e largos. Convictos ... De convictos não tinham nada porque ela estava perdida e não aceitava que ninguém lhe indicasse o rumo certo. Aliás todos lhe diziam para seguir o coração e ela interrogava-se de todas as vezes que pedaço do coração seguir.

Ela sabia que os erros se pagam caros, mas o preço da prisão da sua alma, do seu coração e da sua mente em alguém era demasiado elevado. Ninguém entendia o seu amor, a sua vibração com ele, a dependência ... Era evidente, apenas aquele amor lhe dava liberdade . A liberdade é o cerne da paixão e da felicidade. É intrínseco mas fora roubada... Já não podia chorar não havia nada dentro do seu ser ... Ninguém deixou de acreditar que ela voltaria a ter a sua liberdade. O seu amor voltaria. Deus sabe o que está a fazer



CASUALIDADES

Ana Pedro Silva , 10º G



Eu amo ser horrivelmente imprevisível. Adoro mandar mensagens aleatórias (porque quão aleatória uma forma de comunicação digital pode ser?) e deixar as pessoas saberem que eu as amo e que são seres humanos absolutamente mágicos e que não acredito que eles existem. Adoro dizer "beija-me", "és uma boa pessoa" ou "iluminas o meu dia". Vivo a minha vida o mais imprevisivelmente possível.

Porque, um dia, posso ser atropelada por um autocarro.

Talvez seja estranho. Talvez seja assustador. Talvez pareça tecnicamente impossível simplesmente ser - deixar as pessoas saberem que as queres, precisas delas, sentindo que, naquele momento, morrerás se não as vires, as agarrares, as tocares de alguma maneira. Seja com os teus pés nas suas coxa e a tua língua na sua boca ou o teu coração nas suas mãos.

Mas não há nada mais bonito do que ser desesperado. E não há nada mais arriscado do que fingir que não queremos saber.

Somos adolescentes e somos fascinantes e não estamos tão em controle de nós próprios como pensamos. Nunca sabemos quem também precisa de nós. Nunca sabemos as maravilhas que podem nascer entre nós e outros humanos. Nunca sabemos quando o autocarro nos pode atingir!

REFLEXÕES

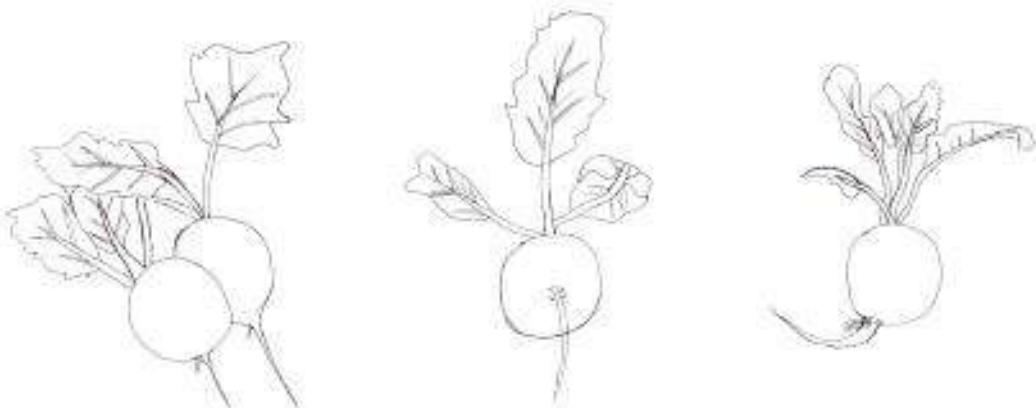
André Miranda - 10º C

Acredito que o ser humano é maior e que foi o resultado de algo que não conseguimos compreender. Seja o que for que nos originou, fê-lo da maneira mais perfeita possível. Tudo no mundo foi criado assim e após essa criação ficamos à mercê de nós próprios. Nada do que existe na Terra e no Universo está sozinho. Por detrás de uma luz haverá sempre escuridão, tão certo como o sol se esconder por detrás da lua. Nada escapa a esta regra, quer no mundo físico, científico ou espiritual. Para haver fogo tem de existir água, um protão anda sempre colado a um eletrão e não há yin sem yang. Também a nós nos foi atribuído algo que nos deixa nulos, porque por detrás de um grande Homem há sempre uma grande Mulher. Por vezes não nos apercebemos dessa ligação e acabamos por repelir aquilo que nos une, o Amor.

Nunca o percebi e, francamente duvido que o venha a perceber. Há quem diga que consegue assumir todas as formas possíveis e imagináveis, vem quando menos o esperamos não tendo de o procurar. Mas a questão é, o que nos traz realmente o amor?

Debrucemo-nos sobre esta questão - Quando chega? Segundo reza a lenda, num tempo onde a nossa mente pode viajar mas o nosso corpo não, havia um mensageiro, um anjo alegre e flamejante tal como o poder que encerra - o Cupido. Esse menino maroto, com afinidades aos grandiosos trazia (e talvez ainda traga) na sua albarda algo que nos daria luz no mais escuro dos dias, aquilo de que temos vindo a falar, o Amor. É incrível como este anjinho aparece de mansinho misturando-se com todos e até mesmo mostrando a nós próprios aquilo que poderíamos alcançar se deixássemos de optar pelas escolhas erradas e complexas e optássemos pelas simples que, na maioria das vezes são as mais acertadas. Depois de verificar que somos estúpidos ao ponto de não vermos aquilo que está mesmo à nossa frente atinge-nos com uma das suas infalíveis flechas sem escapatória possível, tendo de aceitar, finalmente, aquilo que realmente sentimos. Este pequeno mas poderoso rapazinho, aliado de muitos outros mensageiros do amor são autores de histórias infinitas.

Então mas, o que nos traz realmente o Amor? Há algo que não controlá-

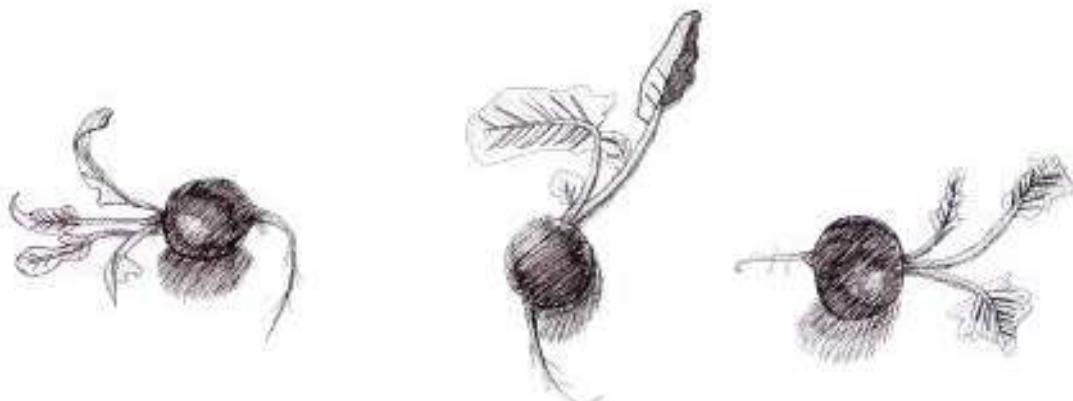


mos e quando entra nas nossas vidas é difícil esquecer. O Amor dá-nos confiança, alegria, prazer de viver e uma vontade incontrolável de estar com quem amamos. Faz-nos passar noites em branco por algo

que dissemos ou não dissemos e faz-nos temer a ausência, mesmo na presença. Faz-nos dizer as coisas mais maravilhosas, mas também as mais estúpidas. Faz-nos sentir bem mesmo quando estamos mal! Faz-nos sorrir e também chorar. Por mais que continue, nunca conseguiria terminar de enumerar as coisas incríveis que o mais poderoso sentimento nos traz! O Amor dá-nos tudo e enquanto não o vivemos não estamos completos e parece que nada poderá fazer desaparecer a felicidade incondicional que sentimos naquele momento. Mas o Amor também pode ser traíçoeiro? As flechas do Cupido não tem efeito permanente, temos de trabalhar para que o efeito dure para sempre! Mas quando o efeito passa não há nada, nem poção ou elixir, que faça desaparecer o vazio do coração.

Quando parte, o Amor é um assassino impiedoso que só nos faz sofrer. O nosso amor está ali mas agora já não é o nosso amor. E aquele por quem estive loucamente apaixonado, agora não me nota sequer! O Amor depois de partir não deixa espaço à amizade. O Amor é uma espiral de sentimentos que à mais pequena mudança se vira contra nós e só podemos abandoná-la se primeiro nos perdoarmos a nós próprios e lhe dermos uma nova oportunidade. Erros são erros e se esse amor se perdeu é porque não era o certo. Ninguém merece partir sem a sua cara-metade, a essencial do seu ser, aquela que bombeia o sangue do seu coração e aquele que cometaria as mais arriscadas loucuras por ela.

Apesar de todos termos sido criados perfeitos ninguém conserva esse estado por muito tempo e tudo sofre alterações. "Quem vai à guerra dá e leva", o mesmo acontece com o Amor. Pode não ser fácil encontrá-lo mas se tudo fosse fácil a vida não seria divertida, pois não? Deixo-vos apenas um conselho: parem de procurar, ele virá ter convosco. Fiquem atentos e dêem oportunidade a algo que sempre residiu dentro de vós. E lembrem-se, ninguém é perfeito.



CARTA AO MEU PAI

Beatriz Barroso, 10º H

Escrevo para ti, meu pai.

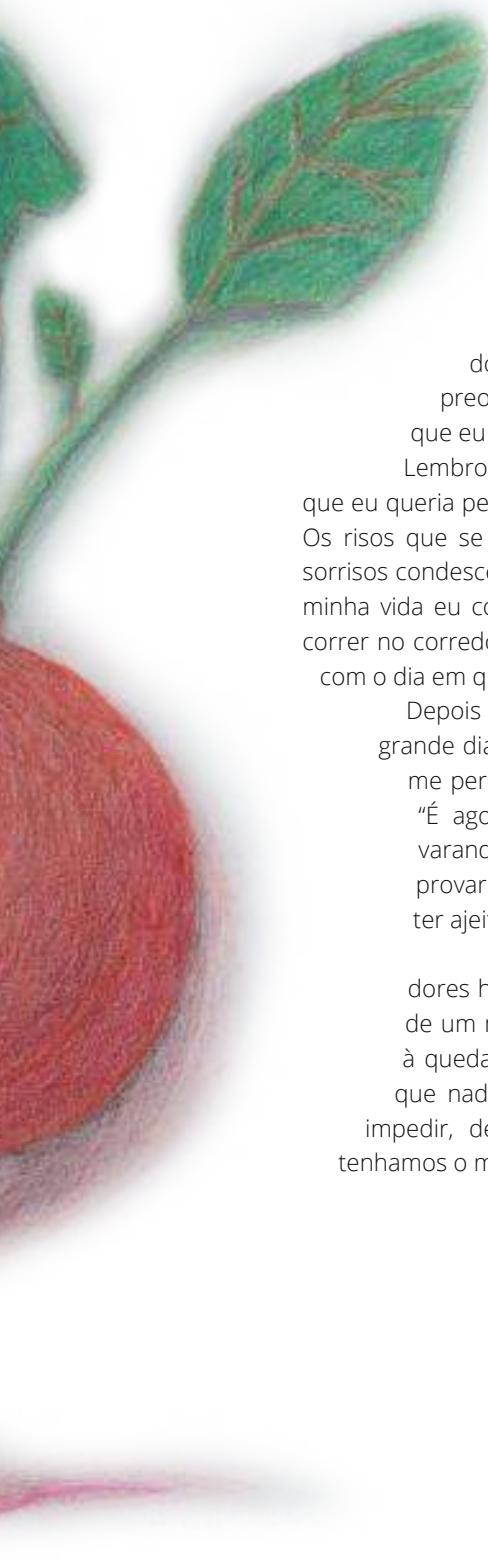
Tens quarenta anos, a mentalidade enrugada, mas as faces sempre jovens e os gestos cheios de vida. Nunca irás ler este texto, tal como nunca lerás nenhum outro, porque estás condenado à vida de trabalho e às circunstâncias e àquilo que te impuseram as "aspirações na vida" dos nossos dias. Sei que te levantas tão cedo que nem chegias a ver o sol a nascer. Outras vezes, levantaste tarde. E outra, nem tens tempo para dormir. Vejo-te poucas vezes, quase nenhuma, mas é o suficiente, para me lembrar de ti à noite, com carinho, pedindo a Deus ou ao destino, ou pedindo simplesmente, que nada te aconteça. Já não moras em casa; talvez nunca tenhas morado. Mas às vezes ainda sinto a tua presença. Como é injusta a vida, e como são injustos os vivos. Como são estúpidos os homens! Nascem para trabalhar, perdem a vida num trabalho que detestam, e depois esperam que a morte chegue.

Lá para o meio da tua vida ainda foste marido, ainda foste pai, mas quando andas na rua não és mais que um agente da lei, deixando de o ser apenas por uns dias, quando tiras umas férias. Só, então, é que a autoridade te abandona para retomares aquela que devia ser a tua principal missão: seres pai. Depois, o tempo passa e tudo volta ao mesmo. Abandonas o riso carinhoso e adotas a tua postura séria. E ninguém quer saber de ti. Hoje em dia parece que virou moda desrespeitar-te, a ti e aos teus colegas que arriscam o que têm e o que não têm pela segurança de terceiros. Tu que te esqueces do papel de filho, de pai, de amigo, para, no fim, te sentires perdido na tua própria pele, de teres que viver uma vida que não é tua. Espero que haja quem te agradeça, quem te valorize. Tu não me dizes nada, mas espero que haja alguém que veja quem tu és, alguém que, através da farda do senhor polícia, veja um pai, um ser humano, como qualquer outro, que arrisca deixar de ser o que é para ser o que os outros precisam que sejas.

Eu admiro-te. Espero que os outros te admirem também.

MEMÓRIAS

Filipa Teixeira, 10º H



Quando eu era pequena sonhava em voar. Passava infinitos momentos a contemplar o voo dos pássaros e nunca saía de casa sem as minhas asas cor de rosa. Hoje em dia, culpo os contos de fada e a minha falta de bom senso, mas na altura parecia-me perfeitamente normal ver uma menina de três anos a voar pela rua.

Recordo-me que passei meses a fio a correr de um lado para o outro no longo e estreito corredor da casa dos meus avós, tropeçando nos meus pés, fugindo aos gritos preocupados da minha avó que, claramente, não compreendia que eu tinha de treinar.

Lembro-me, também, que numa ocasião perguntaram-me o quê que eu queria pelo meu aniversário e eu respondi, muito sorridente, "Voar!". Os risos que se seguiram à minha confissão fizeram-me corar, enquanto sorrisos condescendentes me diziam que voar era impossível, que nunca na minha vida eu conseguiria voar. Mas isso não me desanimou. Continuei a correr no corredor e a abanar os braços para cima e para baixo e a sonhar com o dia em que eu própria iria tocar nas nuvens.

Depois do que me pareceram décadas de treino e sonhos, o grande dia chegou. Quase tremo quando relembro a adrenalina que me percorreu o corpo quando abri a porta da varanda do quarto. "É agora". Com passos hesitantes, aproximei-me da borda da varanda e olhei para a rua. Dentro de instantes, eu iria voar e provar a toda a gente que não era impossível. Só me lembro de ter ajeitado as asas, impulsionado o meu corpo e deixar-me cair.

Como é óbvio, acabei no hospital com um braço partido e dores horríveis nas costas, mas eu voei. Talvez não tenha passado de um mero segundo ou talvez tenha sido uma alucinação devido à queda, que importa? Naquele segundo insignificante eu aprendi que nada é impossível e que, não importa o quanto nos tentem impedir, devemos sempre seguir os nossos sonhos, mesmo que tenhamos o mundo (e as forças da gravidade) contra nós.

A MELHOR GUARDIÃ DO MUNDO

Maria Francisca Igreja , 10ºJ

Vivo esta maravilhosa experiência desde que nasci. Chamo-lhe... "A melhor guardiã do mundo"

Todos nós temos esta experiência, mas uns, infelizmente, têm menos sorte do que outros.

Esta guardiã, tem um trabalho um pouco desumano. Está sempre presente para tudo, até nos momentos mais difíceis, dá-nos os melhores conselhos que se podem receber, acarinha-nos, põe-nos a barriga bem cheia, apoia-nos em todas as circunstâncias, dava a sua própria vida por nós, sacrifica-se, mas acima de tudo ama-nos.

Não são muitas as pessoas que têm a capacidade para fazer este trabalho, é normal... é um dos trabalhos mais difíceis que se pode ter (que diga a minha guardiã), mas a forma de pagamento é uma das melhores. Saber que tem alguém que a ama incondicionalmente e de quem se pode orgulhar.

Este amor é, sem sombra de dúvida, o melhor do mundo. É o amor de mãe!

Uma mãe é capaz de dar tudo sem receber nada. De amar com todo o coração sem esperar nada em troca. De investir tudo num projeto sem medir a rentabilidade que lhe trará de volta.

A palavra "mãe" significa mágica em todas as línguas. Ela lê os nossos pensamentos, nós ainda termos pensado!.

Basicamente, "mãe" são quase todas as profissões do mundo numa só palavra. " O amor de mãe é o combustível que permite ao ser humano fazer o impossível".



O LIVRO DA VIDA

Núria Antunes 11º H

A vida é um livro aberto! Independentemente de tudo o que se possa dizer, a vida é mesmo um livro aberto! Mesmo que o neguem ou, simplesmente, o tentem fazer, a realidade é que a vida é um livro aberto. Um livro cujas páginas contam uma história, onde não uma, nem duas, nem mesmo três pessoas estão envolvidas...mas sim várias; cujas páginas se escrevem, reescrevem, se riscam, sarrabiscam, se pintam e apagam; se enchem de cor e libertam a frescura do cheiro da adrenalina, transpiram emoções e sentimentos e até mesmo, libertam pensamentos.

A verdade é que as páginas da vida são redigidas todos os dias, em todos os momentos, a qualquer altura. E nelas, ficam não só imortalizadas as horas mais gratificantes e honradas, como também as situações mais penosas e desafiantes. Ficam também para sempre gravados, os sorrisos mais rasgados e espontâneos, as lágrimas mais teimosas e límpidas, as aventuras mais arriscadas e as estadias no verdadeiro sossego; mas também ficam as desavenças, as perdas e, fundamentalmente, os amores. Ah! O amor... o mais apegado e leal companheiro da vida. Na realidade, é o resumo dela, é aquele pequeno texto que se escolhe para colocar na parte detrás do seu livro. Se repararmos bem, tudo começa quando amorosamente os nossos pais escrevem a primeira página do nosso livro. Mais tarde, aproveitamos o seu legado e continuamos nós mesmos a escrevê-lo, mas se há coisa que jamais poderemos negar, é que nele sempre irá estar presente o amor. Por mais que não seja, quando afirmamos que temos amor pela vida, por toda a felicidade que ela carrega, pelos doces momentos de que é cúmplice e até mesmo por todas as tristezas de que é culpada. Afinal de contas, não são apenas os momentos bons que nos fazem desenvolver como seres humanos. Os menos agradáveis, também nos ensinam, também nos transmitem sabedoria e nos fazem crescer.

O livro da vida é assim mesmo. Está repleto de mistérios, de suspense e mesmo que se tente adivinhar o que se segue, nunca conseguimos acertar por completo, mas isso torna-o contagiente e interessante. Apesar de por vezes, parecer monótono, repetitivo e cíclico, há que saber disfrutar do virar de cada página. Há que saber interpretar todos os seus possíveis presságios e avisos, aproveitar todos os seus dias soalheiros e até mesmo os mais cinzentos. Há que partir à descoberta, pela sede de conhecimento e pelo desejo de crescer. Há única e exclusivamente que ter vontade de redigir mais uma página sua e, ao mesmo tempo, fazer parte de outras quantas histórias. A verdade é que a vida é assim mesmo, um livro aberto que conta uma história cujo fim é indeterminado e desconhecido. Um livro aberto que anseia ser escrito ou simplesmente lido e aproveitado.

O AMOR DOS PAIS

Cláudia Andreia Pereira, 12º G

"Uma dica? Ame seus pais. Estamos tão ocupados crescendo, muitas vezes esquecemos que eles também estão envelhecendo."

Quando li esta frase, fiquei bastante tempo a pensar sobre ela. Honestamente, isto faz todo o sentido e é das maiores verdades. Eu não vos conheço pessoalmente a todos, mas cometendo aqui a falácia da generalização precipitada, eu irei dar a minha opinião sobre aquilo que vejo no meu dia a dia.

Vocês já pensaram em tudo o que os nossos pais nos deram? Não estou a falar de bens materiais... Falo de todo amor e carinho que eles, desde o momento que nascemos, se prontificaram a dar-nos. Todo o tempo que eles passaram ao nosso lado. Todos os sorrisos que deram por nos ouvirem a dizer a primeira palavra ou por nos verem a dar o primeiro passo. Toda a preocupação em relação ao nosso bem-estar. Eles tentam de tudo para nos fazerem sorrir. Estão lá quando precisamos de um abraço ou de um pouco de colo ou carinho. Estão lá quando precisamos de ouvir uma mensagem que nos transmita força. Estão lá para nos fazerem sentir seguros. É lógico que também nos irão chamar à atenção várias vezes, talvez até gritar connosco. Mas já imaginaram o que eles sentem quando o fazem? Eu não sei. Não faço ideia daquilo que eles sentem. Sei que eles fazem isso para o nosso bem.

E nós? Já pensaram se estamos a agir bem? Há vezes em que estamos tão focados só naquilo que nós queremos que nos esquecemos que eles continuam ali, bem ao nosso lado, a fitar todas as nossas ações. Enquanto nós andamos sempre a sair de casa, porque queremos ir a festas, concertos e coisas parecidas, eles ficam em casa à nossa espera, sempre preocupados e ansiosos pela nossa chegada. Eles não fazem isto por nos quererem presos em casa, eles reagem desta maneira porque é assim que funciona o instinto dos pais. Estão ligados a nós e, passe o tempo que passar, irão sentir sempre esta preocupação e necessidade de nos ter por perto.

Já olharam bem para eles? Já os fizeram sorrir, hoje? Já lhes deram um beijo, de bom dia ou boa tarde? Se não fizeram nenhuma destas coisas, amanhã tentem. Vão ver que com um pequeno gesto destes eles irão agradecer e sorrir bastante, porque, tal como nós, quando éramos pequenos, precisávamos de muita atenção, eles também precisam. Então, na próxima sexta-feira fiquem em casa. Vejam um filme com os vossos pais, deem-lhes carinho e, principalmente, sintam-se e façam-nos sentirem-se bem. Elogiem-nos e agradeçam por terem oportunidade de ter quem abraçar, por terem alguém que se preocupa e dá tudo para vos fazer felizes.





A DANÇA NA MINHA VIDA

Ana Rita Guedes - 12º H

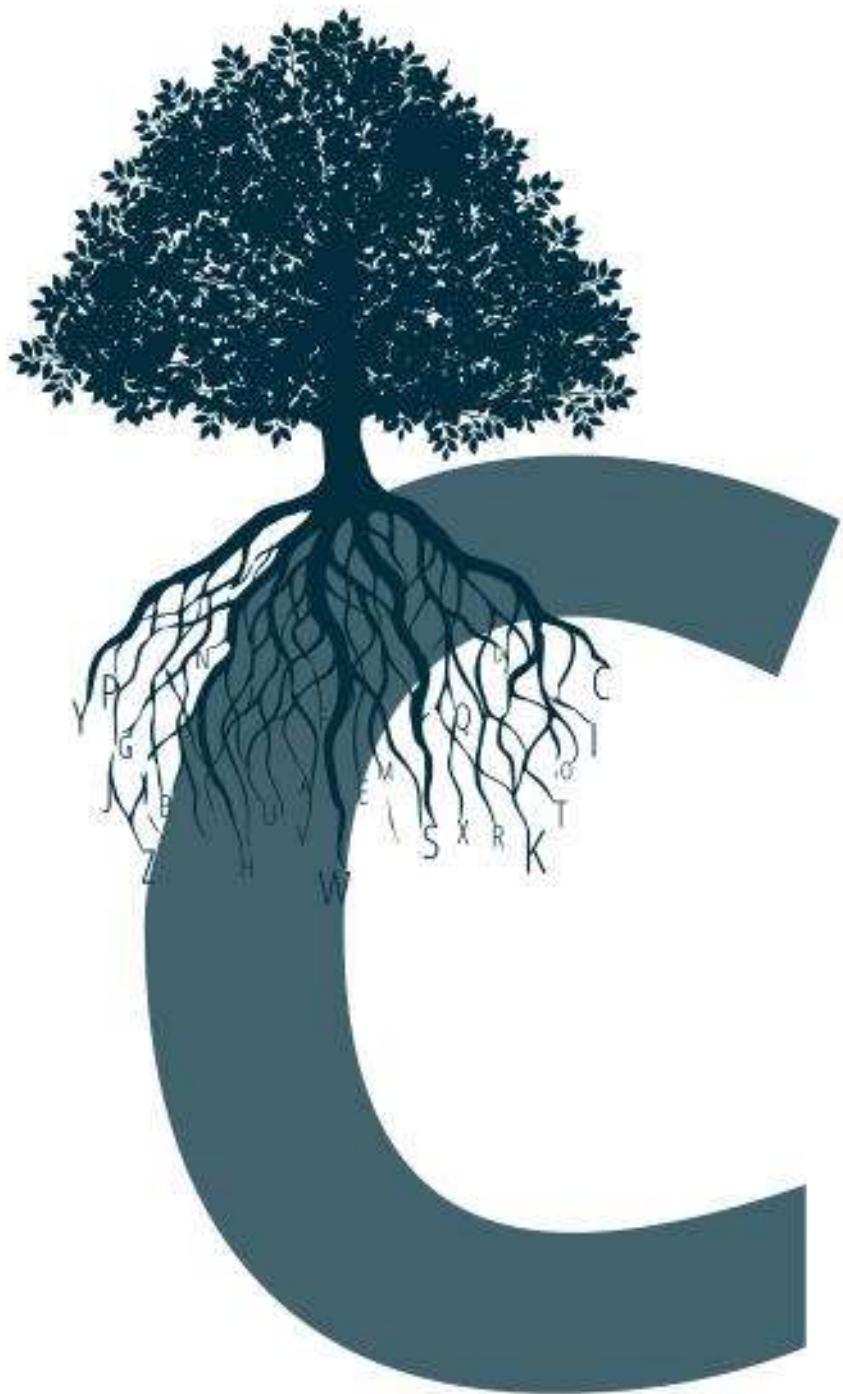
A dança, ao contrário do que muitos pensam, é muito mais do que estar num palco e mexer o corpo. É trabalho, amizade, cumplicidade, lealdade... É isso que a torna tão mágica.

Iniciei o meu percurso na dança com apenas dois anos e ainda hoje, com dezassete, ela faz parte da minha vida. Tornou-se imprescindível. Comecei pelo ballet clássico - a vertente que exige mais dedicação e sacrifício. Extremamente técnico e disciplinado, contribuiu não só para a minha evolução como bailarina versátil, como também desenvolveu a minha concentração e organização, exigidas pela excessiva carga horária que sempre caracterizou o meu dia-a-dia. Consequentemente, tornei-me autónoma bem cedo. Mais tarde, estreeei-me noutras modalidades, como a dança contemporânea e a dança jazz. Vertentes mais livres, denotam um determinado amadurecimento do bailarino e expressam emoções mais profundas, já que através delas é possível libertar sentimentos diversos. Por último, experimentei a vertente mais distinta do ballet clássico: o hip hop. É o menos rígido, o mais descontraído e, talvez por isso mesmo, o que permite maior diversão. Este meu já longo percurso na dança tem-me proporcionado uma vivência diversificada de situações, entre as quais a criação de laços de amizade surpreendentes e a oportunidade de viajar.

Para além disso, gostaria ainda de frisar que estar sozinha num palco é uma grande responsabilidade, já que todos os olhos estão postos em nós e é, sem dúvida, um momento de orgulho. No entanto, dançar em grupo desenvolve valores incríveis! É como "jogar em equipa", onde reina o espírito de solidariedade e de união. Os RPdancers são um exemplo concreto de um grupo orientado por tais valores, que tanto mérito tem trazido a esta escola. Há três anos que, com muita dedicação e orgulho, faço parte deste projeto e sei que vou sentir muitas saudades quando ingressar na Universidade e tiver que o "abandonar". Tal como a dança faz parte da minha vida, as pessoas que tenho conhecido também o fazem e custar-me-á muito "deixá-las para trás". Guardarei para sempre, com muito carinho, tudo o que tenho vivido neste grupo, onde se comprova que, efetivamente, "quem dança é mais feliz!".

Para concluir, a dança é uma arte que vai muito além da combinação de passos coordenados. É o desenvolvimento de um indivíduo, tanto física como psicologicamente. É um mundo repleto de emoções. Por isso mesmo, já chorei, já ri, já sofri, já cresci... e tudo porque faço parte deste universo mágico. Dançar é estar fora de mim. É estar num mundo à parte. Dançar é a verdadeira poesia em movimento.





Escalão
Poesia | Prosa

NO ÂMAGO DO AMOR

Rosa Guedes, professora

Serenidade e equilíbrio são as minhas palavras favoritas.

Serenidade é uma palavra longa, rosa, confortável e macia.

Equilíbrio é uma palavra com pés ou com raízes que se desprendem da letra «qê» e se expandem pelo meu corpo e por tudo o que me rodeia. Os pés do equilíbrio são elegantes, com boa base de sustentação e estão descalços. A palavra descalça cheira a terra, a origem e vida. Como seria a primeira palavra que trouxe vida?

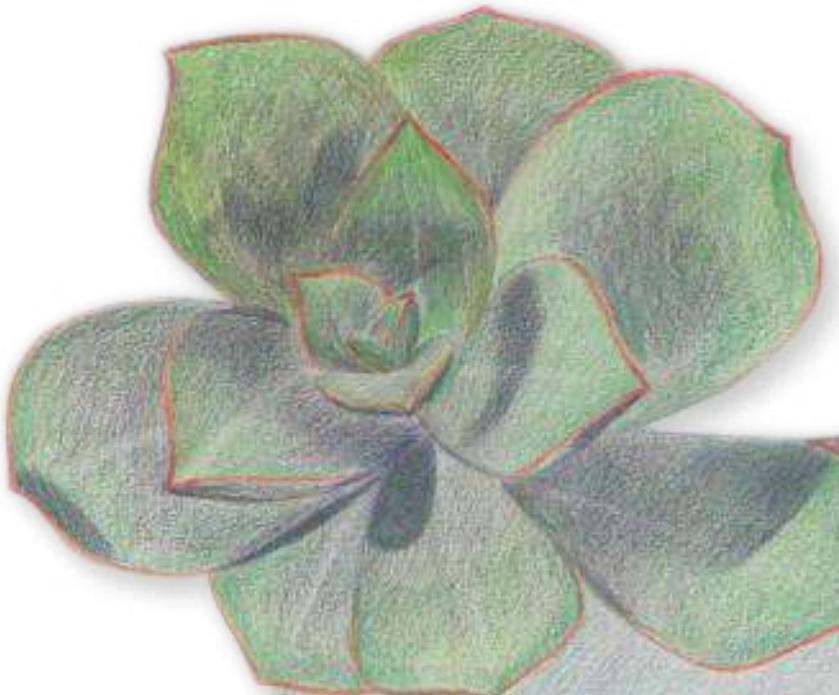
Sou uma mulher de muitas palavras e de palavra, mas de pouco silêncio. Havia pouco silêncio na minha infância. Apenas o silêncio da noite ao adormecer ou o silêncio espesso do quarto quando me sentia desconfortável.

O silêncio tem um« i »que é um pé de cereja, tem um lenço na cabeça e tem, ainda, uma andorinha que é a onda do «nê». Eu gosto muito do silêncio. Talvez o valorize porque não o possuo.

Um dia vou inventar uma caixinha de silêncio dentro de mim. Quando estiver com um amigo, tiro a tampa da caixa e solto o silêncio até aprender a escutar o outro.

Estou a falar muito. A minha voz é estridente e aguda. Freme o silêncio. Talvez seja essa a minha razão: ouvir a voz do silêncio. Do meu silêncio, do silêncio das pessoas e das aves.

Estou aqui. Sou. A palavra que me identifica é rosa, a que me caracteriza é mãe e a minha palavra - destino é amor.



EU E A BELA TARTARUGA....

Maria Arual, professora

Esta vida é uma canseira. Todos os dias a Tartaruga se levanta cedo porque, para chegar a horas ao seu trabalho, apanha boleia dos Bombeiros locais. E, ainda com pouca energia aí está ela a falar com quem vai chegando e a mostar a sua vontade de encarar o novo dia com toda a sua força.

Uma vez por semana, faz um trabalho específico de reforço muscular para lhe dar maior mobilidade e lhe permitir assumir uma postura correta e maior autonomia. A lentidão associada aos seus movimentos não corresponde à enorme força de vontade e enormíssima capacidade de trabalho. Esforça-se por cumprir tudo e, pelo meio vai dando a conhecer o grande amor que nutre pelos seus familiares mais chegados. Contudo e, apesar de somente regressar a casa ao fim do dia, é com muita vontade que o faz.

A tartaruga é bela, tem uma linda carapaça, mas o que a distingue das demais é o tamanho do seu coração. É de tal forma grande que todos os animais que contactam com ela se deixam envolver e, com ela passam belos momentos.

Gosta de trabalhar e estar com o seu grupo de pares. Gosta de falar sobre Alimentação saudável, de exercício físico e família. Gosta de ajudar os outros mesmo reconhecendo as suas fortes limitações.

No meu contacto com ela, todas as semanas, procuro que perceba o quanto é importante ser autónoma, ter boa complexão física, pois com o tempo todos temos tendência a perder essas mesmas capacidades. É a pensar no seu futuro que dou o meu contributo.

A Bela Tartaruga é mesmo especial, gosto de trabalhar com ela, procuro explicar, sempre, o porquê dos movimentos e os possíveis efeitos desses movimentos na alteração da sua composição corporal.

Sinto-a com vontade de aprender e constato já, algumas alterações e preocupações, nomeadamente a correção postural, o controlo abdominal, a força de braços e a tonicidade geral.

Um dia ainda vou ter um coração como o dela.

A DANÇA NA MINHA VIDA

Sandra Oliveira da Silva, Aluna do 1º ano de Gestão da FEP Ex- RP Dancers

A dança faz parte da minha vida, da minha personalidade, da minha pessoa. Dançar não é apenas executar movimentos, é sentir a música com a alma e transpor emoções em ritmo. Dançar traz-me uma sensação de conforto, de leveza, harmonia, é uma mistura de sensações que me faz descobrir diferentes pessoas dentro de mim.

Dançar é Viver.

Dançar é manter a doce imaginação de que ali, no meio do palco, só existem as batidas do próprio coração.

O mútuo respeito, o companheirismo, o trabalho de equipa, a valorização do nosso esforço e o reconhecimento do nosso trabalho são realidades que se adquirem, valores que são transmitidos de uma forma intensa e que nos toca no coração, não teriam o mesmo peso e significado se fossem transmitidos de uma outra maneira que não a dança.

A dança é como a vida, dançámos e vivemos, sonhamos e improvisamos, este é o lema da minha vida, porque acima de tudo, Quem Dança é Mais Feliz.



A DANÇA NA MINHA VIDA ...

Mãe

A minha alma enche-se quando vejo dançar, os meus olhos percorrem aquelas linhas, os gestos e fico prisioneira do palco! Uma prisão que me dá prazer, mas também me dá dor (pela entrega), que me permite sonhar, que me dá uma sensação de liberdade....

A Dança entrou na minha vida, devagar...em bicos de pés, desde que eras pequenina, e fui-me envolvendo até à alma. Dançar vai muito além dos movimentos, vai muito além da mecanização da coreografia, dos saltos e passos. Não é apenas o corpo que se mexe, é a alma que se entrega....é liberdade, é paixão....., é perder a noção do tempo, vivendo intensamente cada momento.

A Dança na Minha Vida ?!!!!!!!!!!!!!! Não consigo encontrar as palavras perfeitas para exteriorizar o que sinto, então danço..., se pudesse!



DOBADOIRA DE PALAVRAS

José Amaral, professor

Alice parece saída de um qualquer país das maravilhas. Faz lembrar, contudo, a Narizinho do "Sítio do Picapau Amarelo" pela sua narigueta arrebitada. As suas tranças parecem grossas cordas de um baloiço e as sardas do seu rosto são cogumelos prontos a rasgar a terra. Os olhos são azuis como o céu e o mar juntos.

Sofre de uma idiossincrasia, no mínimo estranha: chuta livros como quem pontapeia uma bola de râguebi. What? Chuta livros?! Sim, chuta-os para que as outras pessoas lhe perguntam porque o faz. Não o faz por indelicatesse com as obras literárias, mas fá-lo porque acha divertido, além de querer passar uma mensagem com este comportamento. Além disso, terá o acrescido de prazer de lhes responder que, se não o fizer, os livros não terão utilidade, pois ninguém lhes pega, ninguém os cheira, ninguém os acaricia, ninguém brinca com as palavras, que eles guardam sacramente nas suas páginas.

Alice adora ler, mas não lê Confúcio, pois acha-o muito confuso, nem Saramago, já que lhe parece ser amargo. Só lê livros em Português, a sua língua materna, enquanto para ela as palavras sejam iguais em todo o mundo. As palavras do mundo... essas viageiras insinuantes... universais.

Certo dia, à sombra de uma grande e geométrica araucária, pegou num livro e cortou as palavras. Colocou-as num cesto, fazendo votos para que não caíssem em cesto roto. Separou algumas que pertenciam a uma classe de palavras específicas. Num outro cesto as colocou. Eram adjetivos... frescos elegantes aromáticos bonitos solidários engraçados carinhosos simpáticos coloridos chorões alguns fanhosos e outros tantos mais respeitosos. Havia-os no grau normal os comparativos de inferioridade igualdade superioridade os superlativos



absolutos analíticos sintéticos os relativos de inferioridade e de superioridade. Havia um que era boçal, mas logo outro se mostrava maternal...

Sentada num penedo pensava qué hacer, ahora, com aquele cesto adjetivamente tão rico. Alice desejou mergulhar, de novo, na toca do coelho. Isso, ela não podia. Decidiu-se, então, ir a uma escola. Foi à Rocha!

Malpisou solo escolar, prenhe de orgulho por transportar tão precioso tesouro, deslocou-se à biblioteca escolar. Onde mais poderia deslocar-se, in primis, que não àquele lugar tão mundanamente palavroso? Ficou excitada não pelo facto de estar na presença de tantos livros, mas porque se deixava acometer por uma louca vontade de pontapear aquelas bolas de râguebi.

Os cestos de Alice (a dobradura de palavras) assemelhavam-se a cogumes virados ao contrário. As palavras – os adjetivos e as outras – eram tão delicadas que pareciam flocos de neve. Alguém abriu uma janela e, ao fazê-lo, uma revoada ventosa fez voear o conteúdo dos cestos, misturando, novamente, todas aquelas palavras.

Um ah suspendeu-se no ar por tempo infindo. Um petiz, esbugalhados os curiosos olhos, depressa se capacitou que queria ser um ás das palavras e não um asno das mesmas. Almejava trocadilhar-se sem rumo nem regras na utilização das palavras. Lera num livro que um desmaio só podia ocorrer no mês quinto, já que se acontecesse no terceiro dir-se-ia desmarço. Portanto, também ele poderia, com a ajuda daquela linda menina de nariz arrebitado, brincar com as palavras. Sem se saber por que artes mágicas, as palavras traduziram-se em todas as línguas que se falam no mundo. Flutuavam no ar como uma pena nas calmas águas de um lago. Aquele momento feérico mais se adensou, quando uma bruma ligeira se fez anunciar por baixo da porta. Pela janela, do átrio da biblioteca, entrou um cavalo alado.

O quixotesco petiz montou o Pégaso e prontificou-se a partir para uma inaudita viagem pelo mundo. O mundo das palavras... universais... essas viajeras insinuantes. Antes, porém, estendeu a mão a Alice e sentou-a na garupa do equídeo. Torná-la-ia na sua Dulcineia.

Partiram céleres como um cometa caudato! Foram-se embora para Pásargada. Atrás deles uma plêiade de palavras urdidas por mãos mágicas deixava um rastro luminoso.



AS CARTAS QUE O VENTO LEVOU

Carlos Alberto Castro Barbosa, 11º PNA

Carta 1345 ,
12 de setembro de 1916,

Hoje completei vinte e cinco anos, escrevo pela última vez , mesmo que estas palavras não consigam tocar os teus sentimentos , nem chegar á profundidade desse doce coração, ainda assim escrevo, pois é a única maneira de libertar toda esta turbulência de emoções que me envolve a alma , assim como o mar agitado diante mim , o meu espirito contorce -se de mágoa e desespero relembrando o dia em que me tornei um "homem" onde se iniciou este poço infundável de solidão e amargura.

Observo as ondas diante de mim e nelas deixo escapar a minha mente, que vagueia á deriva de uma resposta para todo este sofrer. depois de tantas viagens , de tantas peripécias que envolveram esta infame existência a muitos teimam em chamar de vida.

O mar está bravo , o céu ameaça uma tempestade , mas tempestade alguma se compara á desilusão e tristeza que me esmaga o peito e que pede e anceia pela senhora do véu preto e da ceifa afiada , oh anjo negro , oh ceifa das almas , tantas vezes de desafiei e quase te senti o cheiro , tu que sempre viveste ao meu lado observando cada passo meu esperando aquele momento em que eu desse um passo em falso para me levares para junto de outras almas. Mas porque não o fizeste tu ? porque não me colhestes quando o deverias ter feito ?

E só de pensar que á cinco anos a minha vida , ainda simples e remediada era perfeita , a minha casa modesta junto á praia , a minha vilazinha com todos os seus costumes , cheiros e cores , tudo mudou tão repentinamente.

Mas hoje sinto me tranquilo, sinto o cheiro da maresia a acariciar – me as narinas, o vento suave massaja – me o rosto , e esta chuva miudinha caindo – me sobre a face , é como se o próprio S.Pedro me olhasse de cima e a virgem chorasse com esta minha decisão.

Encontro – me sentado na areia como disse, e a única companhia que tenho é uma garrafa de Johnny Walker á minha esquerda e uma pistola walter (á minha direita) , o meu despojo de uma guerra que lutei e nunca percebi o seu porquê. Uma guerra que me roubou tudo , a juventude , que me tirou dos braços seguros de minha mãe , que me deixou partir sem saber que iria ser a ultima vez que o sorriso de meu pai me aconchegaria o coraçãoa ultima veznão tenho nada ... família ,amigos , nem a mulher a quem prometi amar e defender com todas as minhas forças , a mulher que Deus , ou por sua vontade , ou para meu castigo a levou para junto de si diante dos meus

próprios olhos. Uma guerra que me arrancou á força do meu doce e rudimentar Portugal , para me colocar na Flandres e debater-me por esta "ditosa pátria amada". A Pátria está que me colocou na corda bamba , que me fez duvidar de todos os dogmas eclesiásticos sobre o que é certo ou errado. Com o coração possuído por este mostro de faces negras que me retira a paz , esta culpa que faz de mim um desgraçado. Tudo isto a propósito de quê ? Aperta – se – me o coração com as lembranças da mulher mais bela , doce , um anjo que desceu á terra para derrubar toda esta solidez que me era imposta , um querubim que de tão puro e belo acrescentava ainda mais brilho e beleza ás cortes celestiais , e que ascendeu ao paraíso diante da minha própria vista, talvez seja este o preço a pagar por ter tido a ousadia de entregar o meu coração a tal musa.

Seguro a walter na minha mão , está carregada , e pela ultima vez vou dispará-lamas desta feita não será direcionada para nenhum alemão ou austriaco...o tormento de uma vida ingloria fez me perder a esperança . hoje acaba tudoo vento corre veloz , fazendo com que as folhas desta carta se percam na deriva , vitimas do esquecimento e da ignorância do mundo.

Minha querida Tea Florjantic , minha doce amada , tu que através destas palavras e de um simples pedaço de papel sempre foste a minha mais querida e secreta confidente, onde mantiveste viva a minha esperança , tu que foste o meu combustível , a motivação para sair ilesa de uma guerra onde o desespero e desgraça é tal , que faz até o mais bravo combatente cair na cobardia de desejar a morte como a solução mais rápida e fácil .

Tu tão saudosa amada , caíste diante de mim , levando contigo a réstia de luz presente no meu ser, levou – te Deus para ele , levou – me o vento as cartas que te escrevi.

Sinto o aço frio desta pistola que seguro na mão , observo com admiração tal majestosa peça , que apesar de abençoada com a beleza , tens a maldição do fim para que foste criada.

O dedo acaricia o gatilho , a munição espera impacientemente na camara á espera que o percutor lhe dê o impulso final , o sinal de partida que terá a rápida chegada na minha massa encefálica. Primo o gatilho e tudo acaba , tudo começa , vejo o meu corpo caído na areia , o papel perde – se entre os grãos de areia, atravesso este veu ténue que separa do corpo e nos leva para a transcendência , surge uma luz , lá no fundo deste túnel que me leva para junto do jardim do paraíso, no topo da escadaria , a minha bela amada espera por mim ,estende – me a sua mão suave... todo o tormento acaba , toda a felicidade começa . E as cartas perguntam vocês ... essas já o vento as levou...

A IDADE DOURADA

Madalena Amaro, Assistente Operacional

O tempo corre veloz! Já lá vão doze anos que entrei ao serviço desta instituição. Estes anos somados aos mais de trinta no setor privado, deram-me o direito de usufruir do tão ansiado “descanso”. Cheguei, finalmente, à idade que todos desejamos alcançar: a idade da reforma ou idade dourada, como eu lhe prefiro chamar.

Na hora da saída, dou comigo a reviver o passado, sem nostalgia, a relembrar, em jeito de balanço, os últimos anos de atividade nesta escola.

Comecei a trabalhar na receção e papelaria (que mais tarde se juntaria à reprografia), pisos, portaria e reprografia. Foram os anos da adaptação.

Em 2006 comecei a trabalhar na biblioteca, onde permaneci os sete anos mais produtivos de toda a minha carreira. Serão estes, certamente, aqueles que recordarei futuramente. Na minha memória perdurará a azáfama de auxiliar de biblioteca, da catalogação dos livros, da ajuda aos alunos na pesquisa para os seus trabalhos, dos dossieres temáticos que tanto prazer me deram elaborar.

Recordarei, certamente, os alunos que foram para mim um constante desafio, obrigando-me a estar atualizada, como foi o caso da leitura de “Os Maias”.

As comemorações do centenário da morte de Rocha Peixoto, patrono desta escola, foi outro grande desafio para o qual fui chamada a escrever um texto. Para fazê-lo, tive que me debruçar sobre a sua vida e obra e partir à descoberta do cientista. Foi assim que fiquei a saber que Rocha Peixoto foi também arqueólogo, etnógrafo, etnólogo, professor, bibliotecário e investigador.

Foi um trabalho absorvente e exigente mas que se tornou bem aliciante.

Recordarei, igualmente, os textos que escrevi para a revista anual da nossa escola, bem como para o concurso “Os Escritores da Rocha Peixoto” desde a sua primeira edição, não esquecendo a minha participação no jornal escolar “Panorama”.

Penso continuar no futuro a escrever os meus textos no computador, continuar a ler e, se for possível, continuar a viajar. A saúde mental é importante em qualquer etapa da nossa vida e na terceira idade deve ser estimulada através de atividades lúdicas e culturais.

Daí a minha opção pela leitura, escrita e viagens como estímulo da memória e sobretudo, pela aquisição da sabedoria.

Que estas memórias não se percam na máquina do tempo e que outras se lhes junte, porque parar é morrer.

SAUDADES DE SEDA

Rosa Guedes, professora

Vibram saudades tuas dentro de mim.

Saudades são ondas do mar batendo nos rochedos. Vão e voltam, mudando de intensidade, ganhando espuma que pode ser gargalhadas de paciência pela tua espera ou ser lágrimas de desconforto.

Saudades de ti é (a) mar. Tu és mar imprevisível, previsível.

Eu também sou mar. Tal como o oceano que és, meu corpo é 70% de água: escorre água pelas minhas veias, e por vezes, desprendem-se dos meus olhos gotículas salgadas. Pertencemos, pois, ao mesmo universo.

Somos águas desiguais, águas que ocupam corpos geograficamente distintos, embora apartados, podem sentir-se juntos.

Saudade pode ser ótimo. Saudade pode trazer marés agitadas...

Importa que a saudade permaneça um sentimento envolvente, infinito e blue, azulinho, alongadamente azul.

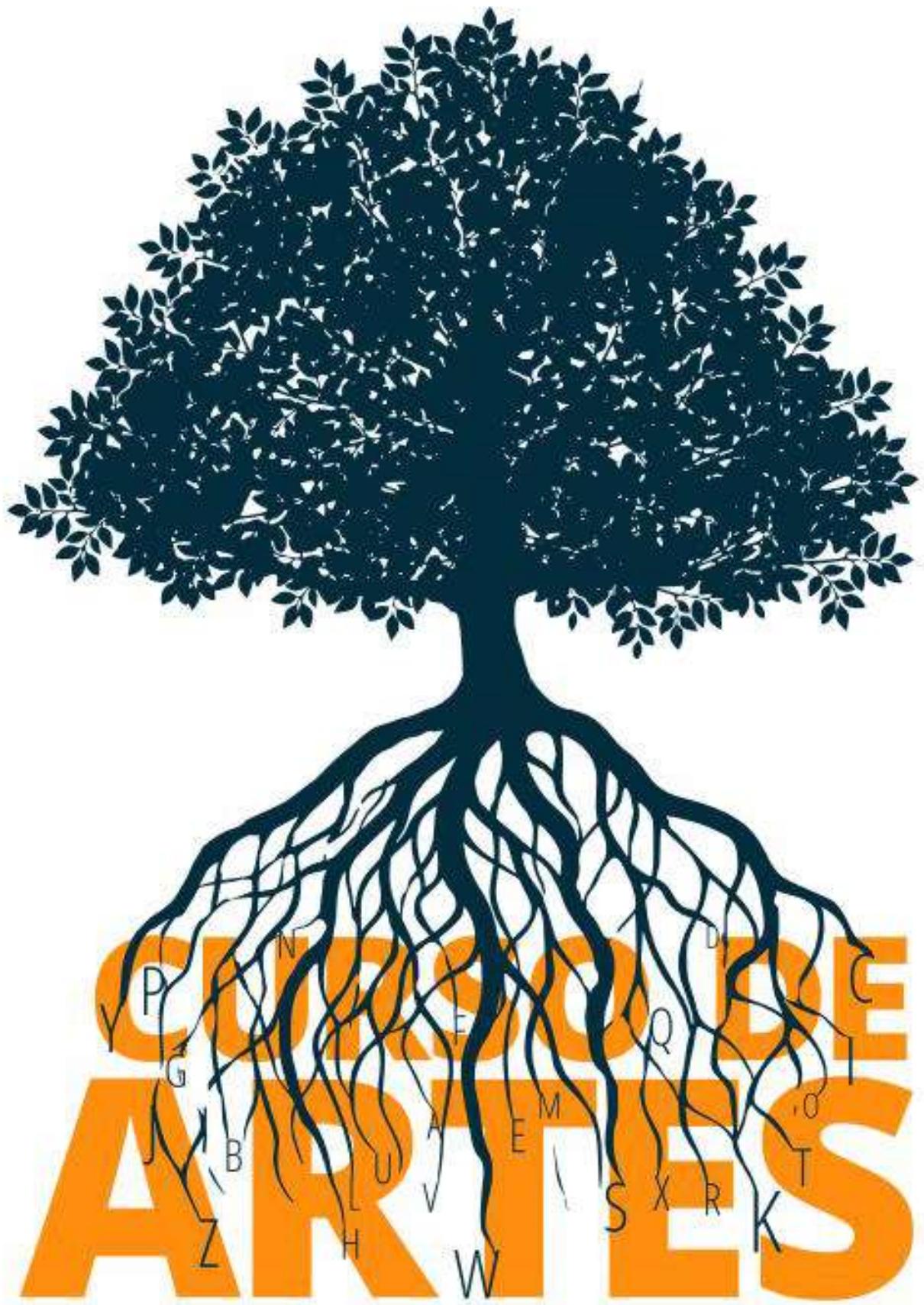
Então, gostar de ti, gostar de mim é permitir que essa seda infinitamente azul flua entre ambos. Sedosamente entrelaçada.

Saudades tuas são um cordão infindo de corações em seda, variados, de sede.

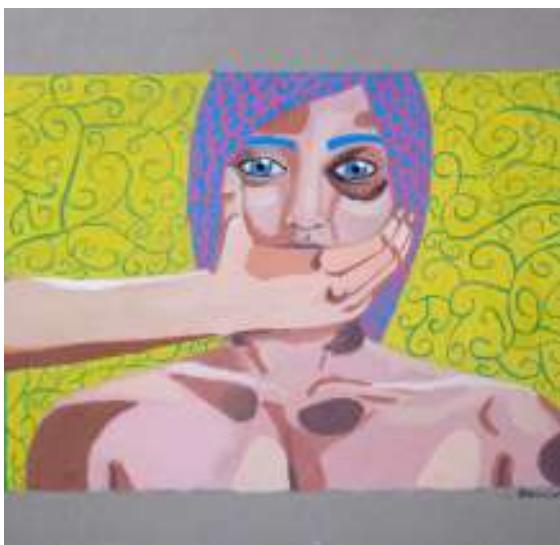
ESCALÃO C | POESIA













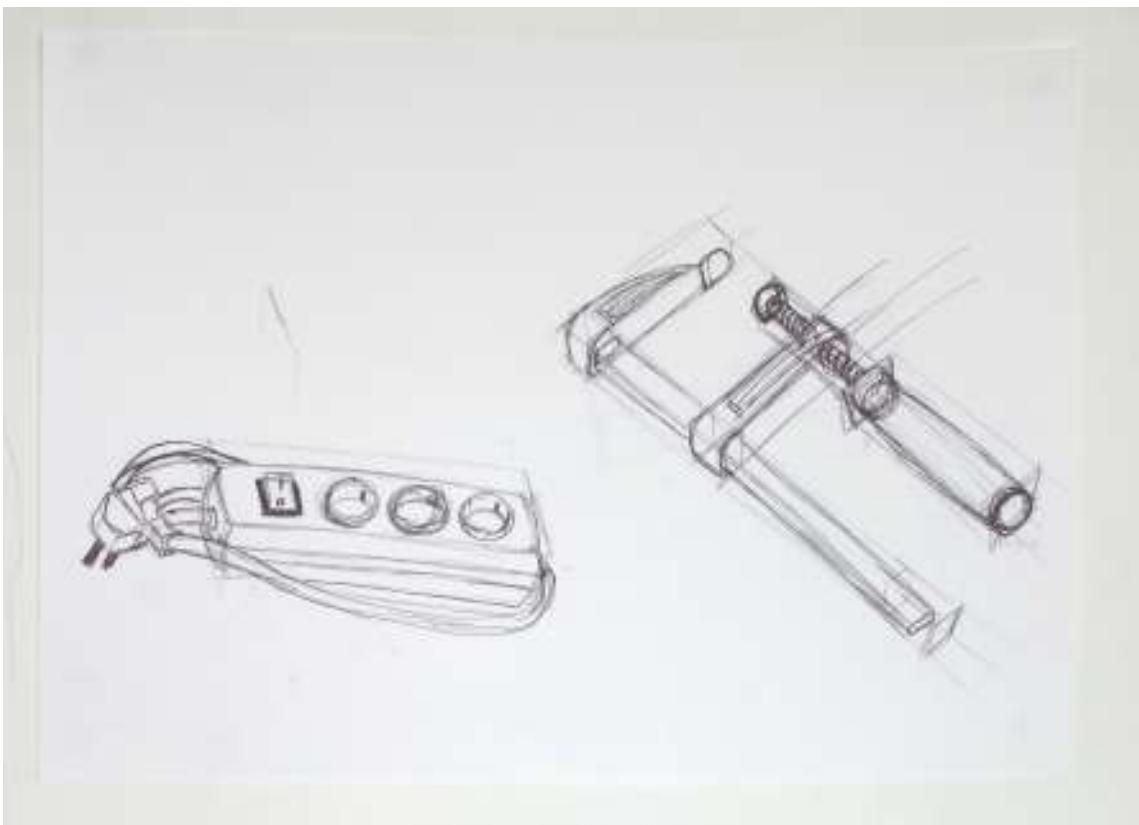


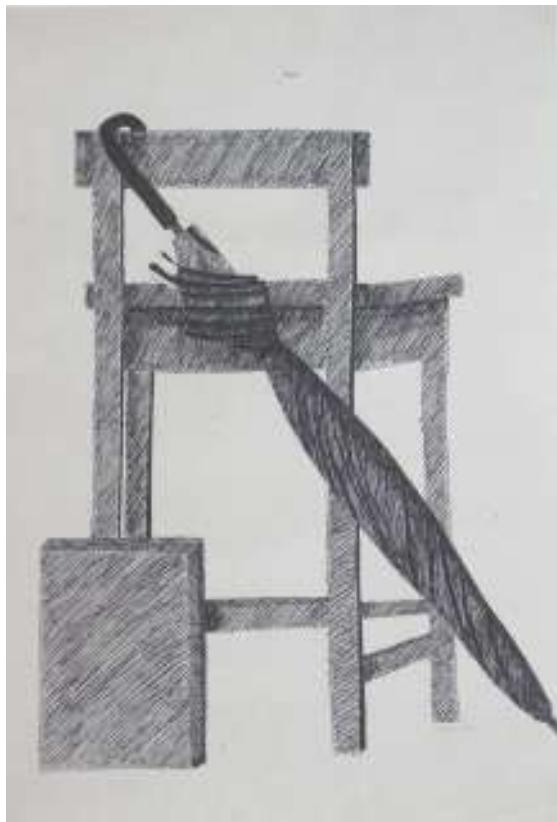












ÍNDICE

2. PREFÁCIO
3. SONHAR COM A LETRA S - António Matos, 7º C

ESCALÃO A - POESIA | PROSA

6. SE E EU FOSSE...7ºD
7. DOCE MEL - Sofia Sousa, 7º B
8. CIDADE COLORIDA - Carolina Neves, 7º B
10. O MUNDO VIRTUAL - Marta Montenegro Terroso, 7º B
11. TITULOBINCO - Mafalda Leal, 7º C
12. OS MEUS TÍTULOS - António Baptista, 7º C
13. OS TÍTULOS - Marta Magalhães, 7º C
14. MEMÓRIAS - Henrique Pereira, 8º E
15. SARGAÇO DE INFÂNCIA EM ÁGUAS PASSADAS - Vítor do Vale Honwana, 9º B
16. O QUE VEJO - Francisca Pereira, 9º C
17. DE TAL MANEIRA SOFRO - Maria Eduarda Rodrigues, 9º C

ESCALÃO B - POESIA

20. E SE EU FOSSE....? - 10º I
21. A MINHA VIDA É - 10º K
22. MÚSICA - Vitor Eirado, 10º R
23. GOSTO - Marta Silva, 12º A
24. OU NÃO FOSSEMOS NÓS MULHERES - Marta Silva, 12º A
25. CORAÇÃO PARTIDO - Graciela Gomes, 12º I
26. SUBTILEZA - Sara Silva, 12º H
27. O CERTO E ERRADO - Miguel Lima, 12º J
28. DEIXEM-ME SER ILUDIDO - Pitanga, 12º J

ESCALÃO B - PROSA

32. CLIENTES OU CIDADÃOS? - Gonçalo Sousa, 10º A
33. A IMPORTÂNCIA DO ERRO E DA VÍRGULA - Gonçalo Sousa, 10º A
34. O QUE É A LIBERDADE? - Gustavo Fernandes, 10º A
35. AMOR - Margarida Curval, 10º B
36. MENINA ORIENTAL - Margarida Curval, 10º B
37. CASUALIDADES - Ana Pedro Silva, 10º G
38. REFLEXÕES - André Miranda, 10º C
40. CARTA AO MEU PAI - Beatriz Barroso, 10º H
41. MEMÓRIAS - Filipa Teixeira, 10º H
42. A MELHOR GUARDIÃ DO MUNDO - Maria Francisca Igreja, 10º J
43. O LIVRO DA VIDA - Núria Antunes, 11º H
44. O AMOR DOS PAIS - Cláudia Pereira, 12º G
45. A DANÇA NA MINHA VIDA - Rita Guedes, 12º H

ESCALÃO C – PROSA | POESIA

48. NO ÂMAGO DO AMOR - Rosa Guedes
49. EU E A BELA TARTARUGA - Maria Arual
50. A DANÇA NA MINHA VIDA - Sandra Silva, RP DANCER
51. A DANÇA NA MINHA VIDA - MÃE
52. DOBADOIRA DE PALAVRAS - José Amaral
54. AS CARTAS QUE O VENTO LEVOU - Carlos Alberto Barbosa, 11º PNA
56. A IDADE DOURADA - Madalena Amaro
57. SAUDADES DE SEDA - Rosa Guedes

CURSO DE ARTES

60. Trabalhos dos alunos da turma 10º L
66. Trabalhos dos alunos da turma 11º K



Trabalho Premiado - Escola da Minha Vida | 2015

Ficha Técnica

Título: Os Escritores da Rocha Peixoto - nº 9

Autoria: Escola Secundária de Rocha Peixoto | Biblioteca Escolar

Imagens no interior:

Trabalhos elaborados pelos alunos do 7º, 8º e 9º anos, orientados pelas professoras Isabel Braga, Isabel Sofia Pinheiro Silva e Alexandre Sousa.

Trabalhos elaborados pelos alunos do Curso Profissional de Técnico de Design Gráfico orientados pela professora Isabel Sofia Pinheiro Silva.

Capa e separadores:

Sara Araújo Fernandes (aluna do Curso Profissional de Técnico de Design Gráfico orientada pelo professor Plácido André Sousa).

Design Gráfico:

Alunos da turma 10º P do Curso Profissional de Técnico de Design Gráfico orientados pelos professores Isabel Sofia Pinheiro Silva, Paula Medeiros e Plácido André Sousa.

Impressão e acabamento:

Gráfica Vilar do Pinheiro